
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

“O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA”

ANA RITA SCHEFFER ROSSATO

Dissertação apresentada, ao Programa de Pós Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Berta Weil Ferreira

Porto Alegre, 2001

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

“O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA”

ANA RITA SCHEFFER ROSSATO

Comissão Examinadora

Profª Drª. Berta Weil Ferreira – Faculdade de Educação da PUCRS - Orientadora

Profª Drª. Anna Maria Hecker Luz – UFRGS

Profª Drª. Claus Dieter Stobaus – PUCRS

Porto Alegre, Brasil
2001

R827s**Rossato, Ana Rita Scheffer**

O significado da maternidade na adolescência / Ana Rita Scheffer Rossato; orient. Berta Weil Ferreira. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
149f.: gráf. il. tab.

Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado em Educação.

1. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. 2. GRAVIDEZ. 3. ADOLESCÊNCIA. 4. EMOÇÕES. 5. FEMININO. 6. RELAÇÕES MÃE - FILHO. 7. FENOMENOLOGIA. I. Ferreira, Berta Weil. II. Título.

C.D.D. 301.418055

C.D.U. 618.2:616-053.6(043.3)

Rosária Maria Lúcia Prena Geremia/Bibliotecária
CRB10/196

Homenagem Especial

À professora Miriam que me incentivou a percorrer os caminhos da Fenomenologia.

À professora Berta por sua receptividade e oportunidade de conhecê-la e poder compartilhar o seu conhecimento relacionado ao ser humano adolescente.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe "Amabile", por me trazer ao mundo, pelo seu amor e consideração, incentivando-me com sua simplicidade, a continuar lutando por meus ideais.

Ao meu esposo, Luiz Antônio (Tonho), amada alma gêmea, por demonstrar nos mínimos gestos, o seu amor e apoio em todos os momentos da minha vida. Participando dos desafios e tolerando as ausências dedicadas em prol do conhecimento.

À Luana e Larissa, minhas filhas, por possibilitarem viver a maternidade com plenitude e também "adolescer" novamente junto com elas.

Aos meus manos do coração Jaci, Izabel, Idalina e Izaira, que juntos formam a nossa grande família, pelo afeto e confiança com a irmã caçula.

Às minhas "companheiras de trabalho", em especial à Luciane, Roberta, Cláudia, Lisiane e Ângela por seu apoio e compreensão ao longo dos anos de convivência.

À Luciana pelo seu empenho, dedicação e paciência ao digitar e formatar as minhas idéias.

À Direção do Curso de Pós-Graduação na pessoa da prof^a. Nara Bernardes.

À Direção do Hospital São Lucas da PUCRS, minha segunda casa, pela acolhida e incentivo ao crescimento profissional.

À Direção da Faculdade de Enfermagem e Fisioterapia – PUCRS pela confiança e carinho.

Às jovens mães que participaram deste trabalho por sua disponibilidade em se “mostrarem”, favorecendo a compreensão do seu mundo vivido.

A todos aqueles que, de uma maneira ou outra, fizeram parte dessa jornada e que contribuíram na colheita das flores.

ADOLESCER

Na adolescência
Menina é flor
Delicada e suave
Banhada pelo sereno da noite
E também com o orvalho da manhã
A inocência descobrindo
Um mundo de sensualidade
E de novidade
Querer descobrir
Tudo ao mesmo tempo
Na adolescência
Menina é mulher
Corpo e desejo
Não mais inocente
Sabendo das responsabilidades
Que a vida adulta trará
Tomando suas decisões
Talvez insegura de si mesma
Mas na adolescência
Menina também é mãe,
Fibra e coragem
De lutar contra o preconceito
Ter a maturidade
De gerar um novo ser
Quem sabe
Esta menina mãe

Não seja apenas
A menina flor
Querendo brincar de boneca
Esquecendo o que significa
Ser mãe
Ou talvez
Seja aquela menina-mulher
Descobrimo seu corpo
Sem medir conseqüências
Mas a menina-mãe
Tem que aprender o equilíbrio
Entre a menina, mulher e mãe
Para que não perca a noção
Da tarefa que assumiu
No momento da concepção
Pois em seu ventre
Há uma pequena criança
Frágil e sem culpa
É uma nova vida que se forma
A gravidez é um momento
De florescimento
E é neste momento
Em que a flor expõe
Suas sementes ao vento.

Contribuição de Cecília Ferreira de Rosso
Adolescente, 14 anos – 1999

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE TABELAS	xii
RESUMO	xiii
SUMMARY	xiv
RESUMEN.....	xv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
<i>ADOLESCÊNCIA, SEU DESENVOLVIMENTO EM DIREÇÃO À MATERNIDADE</i>	21
CAPÍTULO II	
O MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DAS MÃES ADOLESCENTES	36
CAPÍTULO III	
O ENCONTRO COM AS FLORES.....	46
CAPÍTULO IV	
DESCOBRINDO O NOME DAS FLORES	52
CAPÍTULO V	
O EXALAR DO PERFUME DAS ESSÊNCIAS E SUAS DIMENSÕES	60
CAPÍTULO VI	
<i>A COMPREENSÃO DA LINGUAGEM DAS FLORES – A MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA</i>	67

1. ASSUMIR A MATERNIDADE	60
Descoberta e Aceitação da Gravidez: Sentimentos Emanados	
das Adolescentes	73
O início do Vínculo Mãe-Filho.....	76
A Responsabilidade no Cuidado com o Filho	78
2. RELACIONAMENTO FAMILIAR E AFETIVO.....	80
A Participação do Companheiro	82
O Apoio dos Pais.....	84
As Orientações das Mães para suas Filhas	87
3. PROJETOS DE VIDA.....	91
O Processo de Maturação Alterado com a Gravidez.....	92
Os Planos para o Futuro.....	95
As Expectativas com a Imagem Corporal.....	982
4. FATORES EDUCACIONAIS E A MATERNIDADE RESPONSÁVEL.....	103
Conhecimento do Uso Adequado dos Métodos Contraceptivos.....	104
Amamentação e Habilidades no Cuidado com o Filho	107
Recorrência da Gravidez na Adolescência.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
APÊNDICES.....	131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Cymbidium Maravilha</i>	20
Figura 2 <i>Phalaenopsis Branca</i> -	35
Figura 3 - O Método Fenomenológico	43
Figura 4: <i>Cymbidium Vermelho</i>	45
Figura 5: <i>Zygopetallum Bordô</i>	51
Figura 6: <i>Catasetum Verde</i>	59
Figura 7: <i>Cymbidium Rosa</i>	66
Figura 8: O Significado da Maternidade na Adolescência	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Roteiro para a Entrevista.....	49
Tabela 2 - As Essências e Dimensões Fenomenológicas no Significado da Maternidade na Adolescência	64

RESUMO

O objetivo deste estudo é a busca da compreensão do significado da maternidade na adolescência. A investigação ocorreu na cidade de Porto Alegre e utilizou-se a metodologia qualitativa fenomenológica. Foram realizadas entrevistas com seis adolescentes entre 15 e 17 anos de idade e que se encontravam no período do puerpério. As entrevistas, semi-estruturadas, possibilitaram a coleta de dados, e o conhecimento das vivências das jovens. Na análise das informações foi aplicado o método fenomenológico conforme proposta de Giorgi (1985) e Comiotto (1992). Os relatos da vida das mães adolescentes, sua visão de mundo permeada de desejos, fantasias, conflitos e de contradições permitiram o desvelamento das essências e suas dimensões.

Entre as essências destacam-se: o **assumir a maternidade**, ligando os sentimentos das adolescentes ao papel de mãe; **relacionamento familiar e afetivo**, evidenciando a importância do apoio dos pais, do companheiro e de outros membros da família; os **projetos de vida**, relatando os planos interrompidos com a gravidez e a readequação da sua imagem corporal após a gestação e, por fim, os **fatores educacionais e a maternidade responsável**, abordando os conhecimentos da jovem, relacionados com os métodos contraceptivos, o cuidado com o filho e a possibilidade de reincidência da gravidez ainda na adolescência.

A investigação apresenta sugestões de intervenções que poderão modificar a **situação da gravidez na adolescência e favorecer o estímulo à maternidade responsável**, principalmente através de grupos de orientação multidisciplinares, a nível de atendimento ambulatorial ou hospitalar, e que se proponham a uma abordagem holística, integrando esta adolescente e sua família ao contexto vivido neste momento.

Palavras-chave: adolescência, gravidez, maternidade, fenomenologia.

SUMMARY

The purpose of this study is to search the understanding of the meaning of maternity during the adolescence. The research has been done in Porto Alegre city. It has been used the phenomenological qualitative methodology. The interviews with six adolescents aged between 15 and 17, which were in the post-birth period, have been taken place. The semi-structured interviews turned possible the collection of information and the knowledge of young mothers' life experience origin.

The phenomenological method was applied in the analysis of the information accordingly to what Giorgi (1985) and Comiotto (1992) proposed. The adolescent mothers' narratives, their world point-of-view full of wishes, fantasies, conflicts and contradictions permitted to find out about essences and their dimensions.

The essences which stand out are: The meaning of maternity which makes a link between adolescents feelings and mother's role; family and emotional relationship, which evidences that parents', partner's and other relatives support is very important; life projects which relates interrupted plans because of pregnancy and inadequacy of adolescents body image after the pregnancy; and finally, educational factors and responsible maternity, which relate the young women's Knowledge about contraceptive methods, care with the child and relapsing into pregnancy in adolescence.

This research presents suggestions of intervention that can modify the situation of the pregnancy during adolescence and favor stimulus to responsible maternity through a work with multidisciplinary groups which involve the adolescents in a holistic way, integrating them with their family.

Key - Words: adolescence, pregnancy, maternity, phenomenology.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es la búsqueda de la comprensión del significado de la maternidad en la adolescencia. La investigación ocurrió en la ciudad de Porto Alegre. Se utilizó la metodología cualitativa fenomenológica. Fueron realizadas seis entrevistas con seis adolescentes de 15 a 17 años de edad que se encontraban en el periodo de puerperio. Las entrevistas semi-estructuradas posibilitaron la colecta de datos, y el conocimiento del origen, de la procedencia y de las vivencias de las jóvenes.

En el análisis de las informaciones fue aplicado el método fenomenológico según la propuesta de Giorgi (1985) e Comiotto (1992). Los relatos de la vida de las madres adolescentes, su visión del mundo llena deseos, fantasías, conflictos y contradicciones permitieron mostrar las esencias y sus dimensiones.

Entre las esencias se destacan: el asumir la maternidad, ligando los sentimientos de las adolescentes al papel de la madre; relacionamiento familiar y afectivo evidenciando la importancia del apoyo de los padres, del compañero y de otros miembros de la familia; proyectos de vida relatando los planos interrumpidos, con embarazo y su adecuación de la imagen corporal y al final, los factores educacionales y la maternidad responsable abordando los conocimientos de la joven relacionados con los métodos anticonceptivos, el cuidado del hijo y la reincidência dei embarazo aun en la adolescencia.

La investigación presenta sugerencias de intervenciones que pueden modificar la situación de embarazo en la adolescencia y favorecer el estímulo a la maternidad responsable através de grupos multidisciplinares que trabajen con la adolescente de forma holística, integrandolas mas en su familia.

Palabras-clave: adolescencia, embarazo, maternidad, fenomenologia.

INTRODUÇÃO

Nasci em uma terça-feira de Carnaval, enquanto os foliões divertiam-se nas ruas da pequena cidade do Interior, minha mãe colocava-me no mundo. Penso que a alegria que sinto pela vida seja o reflexo daqueles dias de magia e diversões. Dos tempos de criança lembro de muitos momentos de folia e traquinagens comuns da infância.

Cheguei à adolescência e tive muitas incertezas, dúvidas e conflitos, típicos da jovem que vive esta época de sua vida. Com o passar do tempo também veio o amor, o despertar para o outro. No final desse período chegava a hora de decidir-me sobre o meu futuro profissional, iniciando, assim, o curso de Enfermagem e Obstetrícia em 1975.

Na minha trajetória de vida profissional, em 1979, após a graduação, surgiu a oportunidade de trabalhar com recém-nascidos, iniciando então, o contato com suas mães, impregnadas de expectativas e esperanças relacionadas com seus filhos, e outras, que à sua maneira não desejavam seus bebês, deixando-me ansiosa e curiosa por saber mais sobre esses sentimentos tão ambíguos.

Enquanto isso, uma fase muito feliz da minha vida estava por vir; casei-me, em 1981, e, no ano seguinte, passei pela incrível experiência da gestação e maternidade. As emoções e vivências que observava nos outros e que conhecia somente na teoria, ocorreram em meu corpo, impregnando o meu ser. As sensações e ansiedades

colaboraram para o meu amadurecimento, auxiliando-me a compreender aquelas a quem eu assistia na minha rotina diária e facilitando o "colocar-me no lugar do outro", para fazer as orientações necessárias nessa etapa tão marcante da vida da mulher. Alguns anos após nasceu minha segunda filha. Retornei ao trabalho e trocava experiências com as colegas sobre os sentimentos e comportamentos de nossos filhos.

Uma inquietude, porém, aos poucos aumentava em mim; queria evoluir, enfrentar desafios, criar asas. No Interior as chances eram poucas para continuar os estudos na área materna. Com força de vontade e conhecimento aprendi a assistir as gestantes, durante o trabalho de parto e parto.

Algo ainda me dizia que havia outros lugares à minha espera, que aquilo era transitório e novos horizontes deveriam ser alcançados. Mudei de cidade, em 1990, e trabalhei em um hospital pediátrico; em 1996 retornei a atuar na materno- infantil em outro hospital e iniciei meus estudos na área da Educação, já no ano seguinte, fui aprovada na seleção para o Curso de Mestrado em Educação.

Optei pela Educação devido à minha convicção de que na Enfermagem está implícito em cada cuidado, em cada orientação, um ato educativo, tanto no aspecto preventivo, como na recuperação da saúde da pessoa. O Curso de Mestrado em Educação foi parte dos meus objetivos, ou seja, o de ter o meu retorno aos estudos, o exercício da docência agora na recém criada Faculdade de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e para aprimorar o meu desempenho profissional, novamente na minha área de preferência.

Minha afinidade pela área materno-infantil foi se desenvolvendo com o desejo de ajudar as pessoas e evoluiu para a dedicação ao ser humano, no seu processo de início de vida, juntamente com a mulher que é parte essencial à continuidade da mesma.

No decorrer da assistência percebem-se as mudanças estruturais e psicológicas da gestante, sendo que o papel da enfermeira é acompanhar e orientar a mulher, de modo a propiciar-lhe conhecimento necessário para vencer as etapas da gestação, parto e puerpério e planejar, juntamente com a mesma, os cuidados para este período.

O contato com essas mulheres permite que eu possa compartilhar suas vivências, notando, no decorrer da assistência, que muitas delas são jovens, quase crianças ainda, vivendo a sua adolescência e necessitando de cuidados e orientações que lhe favoreçam um viver melhor, mais feliz, dentro do seu contexto familiar.

Minha preocupação com gestantes adolescentes volta-se para a compreensão do seu mundo, as expectativas de vida futura e as relações de vínculo mãe - filho, assim como para o processo de aceitação da maternidade e o seu exercício no dia-a-dia, manifestado pelo seu desempenho nos cuidados com o filho, e também determinar quais os fatores que podem interferir nesse processo.

A oportunidade de aprofundar-me nesse universo surgiu durante o Curso de Mestrado e ao longo do meu fazer e ser enfermeira. A Enfermagem, que se preocupa com a relação de ajuda e cuidado ao outro e procura resgatar sua autonomia, encontra na Fenomenologia o respaldo para a compreensão dos sentimentos e significados envolvidos no contexto da maternidade na adolescência.

Proponho-me a compreender e ampliar meu saber sobre o significado da Maternidade na Adolescência. Diante do proposto, apresento a seguinte Área Temática;

A Compreensão do Significado da Maternidade na Adolescência

CAPÍTULO I



Figura 1: *Cymbidium Maravilha*

***“O corpo é inseparável do ser,
mantém a relação do homem com o
mundo, é a sua dimensão fundamental.”***

Motta (1989, p.60)

ADOLESCÊNCIA, SEU DESENVOLVIMENTO EM DIREÇÃO À MATERNIDADE

Desenvolvimento Infantil e do Adolescente

A necessidade de conhecer melhor a adolescente levou-me a estudar o ser humano em suas etapas de vida, instigaram-me a rever o processo do desenvolvimento infantil e do adolescente e seus comportamentos em decorrência de suas vivências e implicações no seu modo de ser.

Enderle (1990) aborda sobre a infância e a adolescência, como as etapas do ciclo evolutivo, nas quais são geradas os comportamentos e conflitos que irão refletir-se na vida adulta. Percebe-se, dessa forma, que há um posicionamento regressivo ao afirmar-se que os conflitos do passado se repetem ao longo da vida da pessoa. Talvez essa opinião seja um pouco determinista, por isso estudo o fenômeno, passo a passo, iniciando pelo começo da vida e acompanho o desenvolvimento do ser humano durante o seu ciclo vital, culminando com a adolescência, período do meu enfoque de pesquisa.

O início da vida acontece no momento da concepção, e o período que o segue, de 38 a 42 semanas, chama-se de gestação. Este tempo no qual o ser humano cresce e desenvolve-se intra-útero, é de vital importância para o novo ser em formação, pois as relações estabelecidas entre o mesmo e o ambiente em que vive, - o útero materno - e sua mãe, determinarão aspectos essenciais não só para a sua sobrevivência intra-útero, bem como, repercutirão em sua vida futura, fato afirmado por Enderle (1990).

O nascimento pode ser considerado uma condição de estresse, envolvendo situações de risco, que podem afetar sobremaneira a mãe e o feto no período perinatal.

Na última década, os cuidados dispensados na área da Saúde, utilizando o aperfeiçoamento tecnológico e de recursos humanos, tiveram, como propósito, minimizar os fatores de risco e o tratamento para as patologias características dessa fase, possibilitando a continuidade da vida.

Considerando o pensamento de Pikunas (1979), no período que imediatamente segue ao nascimento, a equipe multidisciplinar propõe-se a favorecer situações para facilitar a proximidade da mãe com seu filho, de modo a permitir que o vínculo mãe-filho seja efetivado. O ser humano, dentre todas as espécies dos seres vivos, nasce totalmente indefeso e dependente dos adultos para sua sobrevivência e educação para a vida. A mãe exerce papel preponderante nessa tarefa, utilizando sua intuição, uma vez que não existe uma receita pronta para o exercício da maternidade.

Enderle (1990) afirma que será preciso aprender com as reações da criança, com suas necessidades de estímulo e orientação, qual o melhor caminho a seguir.

Já para Stern (1997) a relação inicial entre mãe-filho estabelece-se no decorrer da gestação, durante a qual a mulher constrói uma idéia do seu filho imaginário e nutre expectativas em relação a ele. Ao vê-lo nascer, procura os traços familiares ou semelhantes àqueles anteriormente pensados, iniciando-se, assim, a interação da mãe com seu filho, que persistirá ao longo de seu desenvolvimento e crescimento. A cada nova etapa de vida a criança apresenta características e vive experiências e descobertas que irão influenciar na construção da sua personalidade.

Afirma Aberastury (1992) que a pessoa ao chegar à adolescência precisará enfrentar o mundo adulto, para o qual não está de todo preparada e também elaborar o luto pelo seu mundo infantil, onde até então vivia comodamente.

Segundo Blos (1996) o termo adolescência, geralmente, é usado como um conjunto de características que ocorre na segunda década da vida, sem levar em conta

as diferenças do gênero ou aquelas determinadas pelo sexo. A puberdade na menina e no menino não são sincronizadas, pois seu crescimento e desenvolvimento não ocorrem em tempos iguais. A menina inicia antes este processo de transição, por vezes, demonstrando ser mais velha que o menino e exibindo um corpo com contorno de mulher. Enquanto ela direciona-se para atividades que envolvem maior seriedade, o jovem da mesma faixa etária brinca como se fosse criança e isto se projeta também em seu aspecto físico, pois pode parecer-se ainda como um menino.

No transcorrer dessa fase, o adolescente sofre muitos conflitos e desequilíbrios físicos, psíquicos e sociais, os quais são necessários para sua transposição para a fase adulta. Muitas vezes características que marcam a adolescência aproximam a normalidade e o patológico, mas são necessários para a formação de sua identidade.

Penso também, que o meio ambiente e as condições culturais exercem marcante influência sobre o desenvolvimento do adolescente, que muitas vezes é permeado de contradições, instabilidades e incoerências.

Refere Pikunas (1979) que o adolescente é curioso e consciente de várias situações da vida que o relacionam com as outras pessoas; procura diversão, o prazer e busca a aproximação e reconhecimento de seus pares. À medida que a adolescência progride, a sexualidade torna-se o foco principal para os jovens, pois as sensações descobertas e as mudanças hormonais o impulsionam para buscar o afeto e aí aparecem as primeiras experiências afetivas e amorosas.

Continua Pikunas (1979) afirmando o papel fundamental da família e amigos, ao contribuírem para o amadurecimento do adolescente. O apoio e a segurança conseguidos no convívio da família são importantes para o jovem que deseja preservar a sua identidade e caráter. O adolescente quer afirmar-se como pessoa ativa, adquirindo a autonomia para ter para si uma filosofia de vida e valores sobre os quais

poderá pautar sua conduta. O progresso para uma ideologia indica sua evolução para a vida adulta.

Com o estilo de vida moderna, o jovem, ao procurar modelos ideais com quem se identificar, depara-se com a violência e a disputa pelo poder, tanta na família como na sociedade. Quando em dúvida e ou sem respaldo dos adultos, pode-se utilizar-se destas alternativas negativas, chegando até a marginalidade.

O caminho a ser percorrido pelo adolescente, pode parecer longo e difícil, pois os lutos deverão ser elaborados no decorrer do tempo, novos valores e ideologia serão incorporados e detenho-me, então, na adolescente-mulher, que descobre a sua sexualidade e percebe as mudanças na imagem corporal, em face da transição de menina para mulher.

Os meus questionamentos giram em torno da compreensão do fenômeno, que direciona a adolescente para a descoberta do amor, o surgimento do desejo de proximidade do contato físico e que culminam com a gravidez e a maternidade.

Encontra-se no dicionário Ruth Rocha a definição de maternidade como a qualidade ou caráter de mãe. Para Stern (1997, p.11) "a mãe apresenta a condição psicológica especial, apropriada e adaptada para a realidade de ter um bebê para cuidar".

Ainda para Stern (1997), a mulher está vivendo um período único em sua vida e essencial para a sobrevivência da espécie, assim possui um tipo de organização mental que a predispõe a efetivar a interação com seu filho. Os ajustes necessários à formação do vínculo mãe-filho serão elaborados durante os contatos e experiências vividas entre ambos.

O bebê cresce e se desenvolve e torna-se menina e quando atingir a adolescência, é crescente o número de meninas que, junto com os acontecimentos

próprios da fase em que se encontram, têm que se adaptar ao papel de mãe, podendo assumi-lo, ou não, de modo satisfatório.

Waldow (1998) salienta a atuação da Enfermagem, que trata de seres humanos, e considerando dentro desse cenário o respeito aos seus valores, padrões éticos e culturais, e a compreensão de suas vivências. Não é possível, dentro da integralidade do cuidado, tratá-los separadamente; mesmo que, em determinados momentos da vida, alguns padrões se sobreponham aos outros, ao cuidarmos de pessoas precisamos abordá-lo no seu conjunto.

Na assistência que a Enfermagem presta às mães adolescentes, estas características são respeitadas de modo a propiciar uma relação de interação e ajuda, bem como de preparação para a vida e sempre que possível, para o despertar da maternidade.

Puberdade e Adolescência

A adolescência tem sido alvo de estudos, devidos à sua relevância, no decorrer do desenvolvimento humano.

A modernidade, as condições e características da sociedade e a influência dos meios de comunicação podem contribuir para acelerar o processo de desenvolvimento das crianças, tornando-as "precoces" e críticas da sua realidade e necessitando de modelos sólidos que possibilitem a construção de sua identidade como pessoa.

Pode-se afirmar que puberdade e adolescência são fenômenos que caminham juntos. A puberdade é considerada como o período da vida humana em que as modificações físicas envolvem, principalmente, os aspectos relacionados ao

desenvolvimento das características sexuais ativadas pela ação hormonal e por fatores genéticos. Caracteriza a fase inicial da adolescência, na qual o crescimento físico está intensificado. A vida social, os aspectos emocionais, cognitivos e de afirmação da personalidade prosseguem até o final da adolescência, que varia dos 12 aos 20 anos, relatado por Pikunas (1979), não havendo uma uniformidade na faixa etária que delimita essa fase. No Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), este conceito compreende a pessoa entre 12 e 18 anos de idade.

Destaca Aberastury (1992) que a adolescência, por sua vez, é uma fase crítica, de intensa luta interior durante a qual o adolescente tem que elaborar os seus lutos e adaptar-se às mudanças típicas desta época de vida. Nesse momento de vida podem ocorrer o choque de idéias e questionamentos sobre o mundo adulto. A variação de humor, típica do adolescente, também é acentuada nessa fase, em que o jovem sente a necessidade de relacionar-se com seus pares, experienciando os sentimentos que brotam dessas relações.

Maldonado (1997, p. 23) afirma que os 3 períodos críticos do ciclo vital feminino são a adolescência, a gravidez e o climatério:

"São três períodos biologicamente determinados, caracterizados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável devido às grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudança de identidade".

Conforme o estudo em questão, a gestante adolescente vive dois períodos, que implicam em processos de transição, ao mesmo tempo. Muitas vezes necessita utilizar-se de recursos do seu ego para adaptar-se às novas situações que se apresentam.

O adolescente está ávido por viver novas experiências: no contato com outras pessoas, desenvolve o pensamento crítico e inicia a sua atuação como ser político. Pode ser ardoroso na defesa de suas idéias e valores, os quais serão integrados a sua personalidade à medida que amadurece nessa trajetória. As referências que encontra nos adultos envolvidos em suas relações e também naquelas provenientes de seus pares exercem influência no jovem, pois servem como exemplos que o direcionam para o seu próprio desenvolvimento.

O adolescente tem, ainda, a tendência de isolar-se da família, buscando uma comprovação de sua independência na ruptura com os laços familiares. Como poderemos auxiliá-los? Qual o papel da sociedade "adulta" e a responsabilidade da família junto a estes jovens?

Estas questões são preocupantes diante da infinidade de notícias desastrosas que envolvem o adolescente e que, em muitos dos casos, altera o seu "destino", conduzindo-os a rumos não imaginados.

Percebe-se, através das estatísticas, o aumento da mortalidade de adolescentes por acidentes automobilísticos, drogas, prostituição, suicídio entre outros. E nesta ânsia por quebras de paradigmas, e enfrentar desafios e conflitos o jovem busca seus pares e conhece o amor e a paixão, que pode afetar os sentidos e a razão. Em decorrência disso também a gravidez na adolescência tem sua prevalência aumentada.

Novas questões surgem quanto aos sentimentos que emergem desta situação e qual o significado da gravidez para a adolescente que naturalmente já atravessa um período de transição e que se vê diante de um fato concreto - a responsabilidade de gerar e assumir uma criança- quando ainda não se encontra física e emocionalmente madura para enfrentar sua própria condição de adolescente.

Observa-se que, na realidade brasileira, a gravidez na adolescência progride em ritmo acelerado e isto gera em conseqüência, problemas quanto à Interrupção dos estudos, aumenta os índices de evasão e desistência das escolas e a interrupção dos projetos de vida para estas adolescentes, o que, em um futuro próximo, repercutirá na sociedade como um todo.

A importância do envolvimento dos profissionais com às questões relacionadas aos jovens no sentido de estudar e compreender esse processo é fundamental , de modo a descobrir caminhos que possibilitem o estar junto com o adolescente e auxiliá-lo a encontrar suas respostas.

Gravidez

No momento em que ocorre o despertar para o sexo, o ser humano busca, através do contato corporal, a sensação de bem estar, a afeição e o amor.

A gravidez é conseqüência da união entre homem e mulher, por meio do relacionamento sexual, considerando aqui, a forma natural dos acontecimentos, durante o qual estar presente o aspecto afetivo ou ser um encontro casual sem maior envolvimento entre as partes.

O termo gravidez é definido por Rezende (1987) como processo fisiológico na vida normal da mulher, para a qual o organismo foi gradativamente se preparando e inicia com a fecundação quando o espermatozóide se une ao óvulo, dando origem ao ovo ou zigoto, com duração de 280 dias ou 10 meses lunares, calculados a partir da última menstruação.

A ação dos hormônios é intensa nesse período e de vital importância para a manutenção da gravidez. No entanto, os órgãos maternos podem ser atingidos na sua

capacidade máxima de funcionabilidade e, com isso, aparecer patologias típicas dessa fase e até o agravamento de outras já pré-existentes.

Maldonado (1997) afirma que a gravidez é uma transição no processo normal de desenvolvimento e que envolve a adaptação de várias dimensões como a mudança de identidade e a definição de papéis de mãe conforme o número de filhos. Durante a gravidez; a família e suas relações interpessoais também se alteram, sendo que o pai também é afetado emocionalmente. Faz-se necessária à definição desses papéis - de mãe e pai dentro do contexto familiar - bem como agregar os demais membros da família para a aceitação da "nova pessoa".

A própria comunicação da gravidez, dependendo da situação em que ocorre, se planejada ou não, tem repercussão importante para a família. Muitas vezes sentimento de rejeição e de ambivalência aparecem em relação à gestação.

Relatam Ziegel & Cranley (1985) que algumas manifestações físicas podem surgir no início da gestação como náuseas e vômitos, sonolência, desejos e aversões, aumento do apetite e peso corporal, alterações no humor, entre outras. À medida que a gravidez progride e os movimentos fetais são percebidos, a grávida toma consciência do seu estado. Para Maldonado (1997) é através destes movimentos que a mulher traz à tona a personificação do feto, atribuindo-lhe características como o de ser tranquilo ou agitado. E para o homem, que acompanha e interage com a esposa durante esse processo, a experiência de sentir os movimentos do feto tem um valor importante na aceitação do mesmo.

O interesse e a atividade sexual tende a diminuir à medida que se aproxima o término da gestação. A mulher volta seus interesses para o momento do desfecho e preocupa-se muito com sua imagem corporal e como será vista pelo companheiro no pós-parto. Verbaliza o receio de não retornar ao peso anterior e de que as atenções se

voltem somente para o bebê sendo o seu esforço não recompensado pelos familiares. A grávida tem períodos de introversão, necessários para introjetar as modificações percebidas e fazer a projeção para o futuro no papel de mãe.

Segundo Raphael (1973) maternizar a mãe seria oferecer-lhe apoio, esclarecimento de dúvidas, permitir condições de repouso em ambiente seguro e tranqüilo e com amor e aconchego da família e amigos. Estudos comprovam que há a necessidade de "maternizar a mãe" durante a gravidez e pós-parto, fator que influenciaria sobremaneira o sucesso da amamentação e o vínculo com o filho.

Maldonado (1997) relata a proximidade do momento do parto como fator de ansiedade perante o desconhecido, pois mesmo para as mães de dois ou mais filhos cada experiência é única e desperta temores, principalmente o de ter um filho malformado ou morto ou o receio de alguma complicação durante o parto.

O Parto

Não se encontra uma causa específica que explique como se desencadeia o parto. Sabe-se que alterações bioquímicas influenciam e produzem efeitos sob a musculatura uterina, provocando as contrações. Para a mulher, o momento do parto aumenta sua ansiedade, pois confere um aspecto de situação irreversível e determinante para a vinda do seu bebê, independente do tipo de parto ou das situações que ocorrerem nesse período, ele se apresenta como algo que tem que ser enfrentado.

As contrações podem ser pouco dolorosas no início do trabalho de parto e irão evoluir em intensidade e regularidade à medida que se aproxima a fase de expulsão, quando a cabeça atinge o assoalho perineal; a premência de fazer força para baixo é

involuntária, havendo a necessidade de empurrar durante estes movimentos. O feto progride para o canal do parto até ser liberado para o meio externo.

O término da segunda etapa, fase de expulsão, confere à mulher uma sensação de alívio e bem-estar por ter colaborado para o nascimento do bebê, é o período em que poderá observar a criança que estava sendo gerada, acariciá-la e aceitá-la como sua.

No secundamento, fase de liberação da placenta, as contrações uterinas continuam, mas em proporções menores e melhora na sensação de desconforto. O útero, agora menor, proporciona uma configuração mais espessa à placenta e ela começa a pregar-se e soltar-se para o exterior da cavidade uterina, junto com as membranas. Isto ocorre nos primeiros minutos após o nascimento do bebê.

O útero continua a contrair-se após a saída da placenta, tornando-se firme e reduzido, ficando aproximadamente na altura do nível do umbigo. As fibras musculares contraídas comprimem os vasos que ficaram abertos após a liberação da placenta, controlando, assim, o sangramento.

Conforme a duração do trabalho de parto a mulher pode, apesar de cansada, manifestar-se aliviada, contente e ansiosa por ficar com seu filho nos braços e a equipe assistencial facilitará esta aproximação entre mãe e filho o mais breve possível, no intuito proporcionar o contato entre os dois. A presença do companheiro também contribuirá para o bem estar da puérpera (Ziegel & Cranley, 1985).

Puerpério

Segundo Ziegel & Cranley (1985), o puerpério corresponde ao período que inicia após o parto e finda quando as alterações na fisiologia materna regridem ao estado anterior a gravidez, com duração de aproximadamente seis semanas depois do parto.

Maldonado (1997) afirma que o puerpério é um período bastante vulnerável em decorrência das mudanças físicas e psicológicas do pós-parto, da consciência das responsabilidades e da formação do vínculo com o bebê recém-nascido. Ambos terão que conhecer-se e a mulher se defrontará com o papel da mãe.

O pós-parto imediato é carregado de sentimentos, dúvidas e incertezas e muitas vezes a depressão pode predominar, devido à instabilidade emocional decorrente deste período. É imprescindível que a equipe assistencial observe o desenrolar dessa adaptação e proporcione um suporte para a puérpera, neste momento, tanto em questões para desenvolver o auto-cuidado consigo e com o bebê como também detectar a necessidade de apoio psicológico especializado.

O apoio do pai e familiares também é um fator preponderante nesta época de vida para que a mulher consiga assumir o papel de mãe com alegria e tranquilidade e sinta-se integrada e amparada pela família.

Klaus & Kennel em 1976 observaram a rotina hospitalar e suas normas como fator de empecilho para o vínculo mãe – filho – pai e por vezes causando alterações prejudiciais ao primeiro contato. Há relatos dessas pesquisas em que o afastamento do bebê do convívio com sua mãe, nas primeiras horas após o nascimento, dificultou o relacionamento futuro entre ambos.

Com desejo de evitar as conseqüências indesejáveis dessa separação as instituições adotaram o sistema de alojamento comum, no qual mãe e filho

permanecem juntos, no quarto, sendo que os cuidados à criança são realizados pela mãe com o auxílio e supervisão da equipe de Enfermagem, fortalecendo o vínculo materno-filial e permitindo que a mãe receba noções básicas de como cuidar do bebê além de orientações para o seu auto-cuidado no puerpério. O estímulo à amamentação e a facilitação da mesma é também um dos objetivos da implantação desse sistema.

Porém, como o tempo de permanência da puérpera no hospital é breve, muitas vezes torna-se difícil o acompanhamento efetivo dessas jovens mães, que terão pela frente situações para as quais não se encontram preparadas e por isso a importância de serviços na comunidade que possam ser organizados de forma a atender estas adolescentes e auxiliá-las em sua preparação para a nova vida e para o exercício da maternidade.

CAPÍTULO II



Figura 2: *Phalaenopsis Branca*

“Ao contrário do Método Científico, o fenomenológico não é uma ciência exata.

Busca o invariante no sentido do que é impossível à consciência..., pensar de outro modo, e por isso, a Fenomenologia é uma ciência rigorosa, uma vez que dá conta do caráter fluente e variável da vivência”.

Donzelli in Carvalho (1987, p. 16)

O MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DAS MÃES ADOLESCENTES

Permeando meus questionamentos a respeito das adolescentes, surgiu a necessidade de optar por um método que satisfizesse o desejo de realizar uma pesquisa com uma abordagem qualitativa e possibilitasse a compreensão do significado da maternidade na adolescência, ou seja, de que maneira a maternidade é assumida pela mãe adolescente e os fatores que emergem das suas vivências e como a Educação e a Enfermagem vivenciadas por mim poderão contribuir para auxiliá-las neste período.

Busquei orientações, e assumi o desafio de imbricar-me nesta teia enigmática da vida do ser humano, valendo-me da Fenomenologia, que é uma filosofia e um método proposto por Husserl (1987) sendo por isso considerado o pai dessa Ciência. Seu significado é o estudo dos fenômenos; preocupa-se em compreender o que se mostra, o que se deixa ver. Opõe-se ao materialismo e ao positivismo, uma vez que busca penetrar no mundo pessoal do sujeito e compreender o significado particular da vivência das pessoas.

A Fenomenologia, para Merleau-Ponty (1993), é o estudo das essências, sendo o mundo vívido o alvo de sua atenção e compreensão.

Ao olharmos o mundo com uma atitude fenomenológica é fundamental que deixemos as coisas aparecerem como são, em seus holos, compreendê-las em sua essência, tal como se deixam ver.

Merleau-Ponty (1993) afirma que não basta executar o método fenomenológico, mas ter uma postura condizente com ele, frente ao fenômeno a ser compreendido.

Enquanto fazia a imersão no método fenomenológico, os meus objetivos se delineavam e tornavam-se mais nítidos e coerentes à medida que eu avançava. Esses

objetivos convergem para o tema central, em que coloco em questão a maternidade na adolescência. Procurei relacionar alguns objetivos para elucidar esse tema, isto é, como se processa a maternidade nessa fase do ciclo vital e o que representa para adaptação ao novo papel, a responsabilidade de assumir os cuidados com seu filho e as mudanças no estilo de vida. Outro objetivo é de que modo a família aceita essa situação e o apoio que pode oferecer à adolescente.

Os aspectos relacionados à imagem corporal também são estudados nesta pesquisa, bem como as relações inter e intrapessoais e as questões oriundas da aprendizagem e também aquilo que ficou ou foi significativo para a mãe adolescente, resultante de sua vivência.

No aspecto da aprendizagem é importante verificar os pontos que podem ser utilizados como auxílio para outros adolescentes em situação similar, bem como atuar na parte preventiva na rede de ensino e ou de saúde.

Nos meus 20 anos de vida profissional, na área da Saúde, convivi com mulheres adaptando-se à maternidade e senti a necessidade de rever os processos que ocorrem na adolescência, verificando o modo como a jovem mãe desenvolve a capacidade de cuidar do seu bebê, ou seja, como é despertado e vivido o instinto maternal nessa etapa do ciclo vital.

Muitas vezes questionava-me sobre como tornar efetivo o apoio e orientação. Pensava no Sistema de Saúde vigente no País, nas alternativas possíveis para auxiliar as mães adolescentes e também como poderia ser realizada a prevenção da gravidez nessa fase da vida.

Utilizando o método fenomenológico, procurei compreender o fenômeno e formular propostas para o acompanhamento à adolescente, enfatizando os aspectos de

orientação e prevenção. Conforme menciona Rowan (1976), é preciso envolver-se com a ação, estar realmente presente para o encontro com o outro.

A Fenomenologia, como método qualitativo, tem como expressão básica - o retorno às coisas elas próprias- e, para Comiotto (1990), ao desnudar-se o fenômeno retorna-se à coisa, objeto do conhecimento.

Seguindo o caminho aprendido no método, cada passo possibilitou-me, não somente as possibilidades, mas a compreensão do fenômeno, um desvelar contínuo em busca do Significado da Maternidade na Adolescência a partir dos seguintes Tópicos Norteadores:

- Os sentimentos emergidos nessa etapa de vida;
- Relações intra e interpessoais presentes nas vivências;
- As expectativas e alterações na imagem corporal;
- O estabelecimento do vínculo mãe- filho;
- A representação da amamentação;
- A reelaboração dos projetos de vida;
- A resolução dos conflitos;
- Resignificação da Identidade;
- Os fatores educacionais envolvidos;
- As aprendizagens advindas dessa vivência.

A Fenomenologia abriu novos horizontes em minha vida, foi um caminho diferente que, no início, mostrou-se difícil, mas à medida que avançava na busca do conhecimento sobre o método percebi que isso repercutia na maneira com que eu percebia o mundo e passei a compreender as pessoas e os fatos com maior desenvoltura e clareza, sem julgamento, fez-me perceber que o encontro com o outro é singular, entremeado das emoções e trocas daquele momento. Ficaram em minha

memória os sujeitos deste estudo, lembro dos detalhes de seus rostos, os gestos e palavras pelas quais relataram suas vidas, o que me foi possibilitado com o uso do método, lembrando que a Fenomenologia preocupa-se em descrever, não pretendendo analisar ou explicar.

Paviani (1990) comenta que a Fenomenologia usa um método para completar-se como expressão de pensamento e conhecimento e, para Merleau-Ponty (1993), a descrição, redução e reflexão são partes essenciais do método fenomenológico.

Ainda Paviani (1990) reafirma que não existe um único, mas diversos métodos fenomenológicos, cujo requisito fundamental é que preserve a essência filosófica que busca o mundo vivido e onde a Intencionalidade e a consciência sejam consideradas.

Sendo assim, pode-se afirmar que a Fenomenologia busca uma volta ao que é efetivamente vivido. Zuben (1994) nos diz que Merleau-Ponty nos deixou um legado da constante busca de reaprender a ver o mundo.

Para seguir o método fenomenológico, tive de despojar-me de preconceitos e teorias, até então concebidas, para trilhar um caminho incerto, porém surpreendente, visando a compreender o mundo vivido das mães adolescentes. A cada encontro era colocada à prova e estimulada para prosseguir, melhorando as abordagens de modo que as entrevistadas sentissem a liberdade e motivação para falar sobre suas vidas.

Ao transcrever as entrevistas, utilizei os cinco passos do método proposto por Giorgi (1997) e complementando por um sexto passo proposto por Comiotto em 1992.

Em 1997, Giorgi acrescentou a coleta das informações verbais que passou a ser o primeiro passo do método, antecedendo os quatro anteriormente conhecidos e, deste modo, o quinto passo de Comiotto passou para o sexto passo.

A seguir, faço uma descrição e comentários sobre os passos necessários e utilizados para a Compreensão do Significado da Maternidade na Adolescência.

METODOLOGIA PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

De acordo com Aantoss (1985, p-91):

"No método fenomenológico não há hipóteses e serem testadas; as evidências não estão em hipóteses ou probabilidades mas na descrição do significado do fenômeno".

1º Passo - COLETA DE INFORMAÇÕES VERBAIS

Realizei entrevistas com questões amplas e abertas de modo a oportunizar a livre expressão das idéias das entrevistadas.

A redação dos relatos foi fiel, preservando o momento vivido da pessoa. Foi realizado um relatório de campo, no qual coloquei os detalhes, impressões e momentos marcantes para auxiliar na compreensão do fenômeno, e que enriquecem e complementam o entendimento dos relatos transcritos das entrevistadas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas com a devida orientação às entrevistadas sobre sua finalidade científica e com sua prévia autorização mediante assinatura de Termo de Consentimento Informado.

2º Passo - O SENTIDO DO TODO

Equivale à descrição do fenômeno conforme Merleau-Ponty (1993). Nesse passo, após se fazer a transcrição da entrevista gravada, em texto único, com as

colocações da entrevistada em sua íntegra, é necessário impregnar-se pelo conteúdo da entrevista, lendo-a e ouvindo-a inúmeras vezes até apreendermos o sentido do todo, o que foi realizado em todas as entrevistas.

Captar o sentido do todo significa compreender a linguagem e a interpretação subsequente da leitura do fenômeno.

3º Passo - DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Corresponde à redução fenomenológica em que se divide o texto em várias unidades de significado, pois se torna difícil analisá-lo por inteiro. As unidades foram assinaladas e numeradas no texto, em ordem crescente, com um travessão a indicar que houve mudanças no sentido daquilo que estava sendo falado. A linguagem da entrevistada foi preservada, sem alterações.

4º Passo - TRANSFORMAÇÕES EM LINGUAGEM DO ENTREVISTADOR

Nesse passo foram feitas as transformações da linguagem do entrevistado em linguagem do entrevistador. Sendo assim, reescreveu-se o texto, utilizando a primeira pessoa do singular e o entrevistador impregnou-se da fala e dos sentimentos da pessoa entrevistada. A preocupação maior foi a de observar uma organização das idéias, sem alterar o seu conteúdo, utilizando, não a linguagem do senso comum, mas a linguagem do pesquisador, em uma perspectiva fenomenológica.

5º Passo - SÍNTESE DO TODO

Elaborou-se uma síntese a partir das unidades de significado, preservando a estrutura psicológica do conteúdo verbalizado no encontro . Todas as unidades de significado foram levadas em consideração, respeitando as idéias do entrevistado e, assim, proporcionando uma visão geral destes encontros.

6º Passo - DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS

O 6º passo é proposto por Comiotto (1902) e consiste no levantamento das dimensões fenomenológicas, no qual são consideradas as sínteses das unidades de significado. As dimensões, contemplando as vivências mais significativas, conduziram-me às essências do fenômeno.

Relata Comiotto (1992) que através das dimensões as essências se mostram, pois fazem parte de sua estrutura.

A seguir, coloco um diagrama representativo do método fenomenológico.

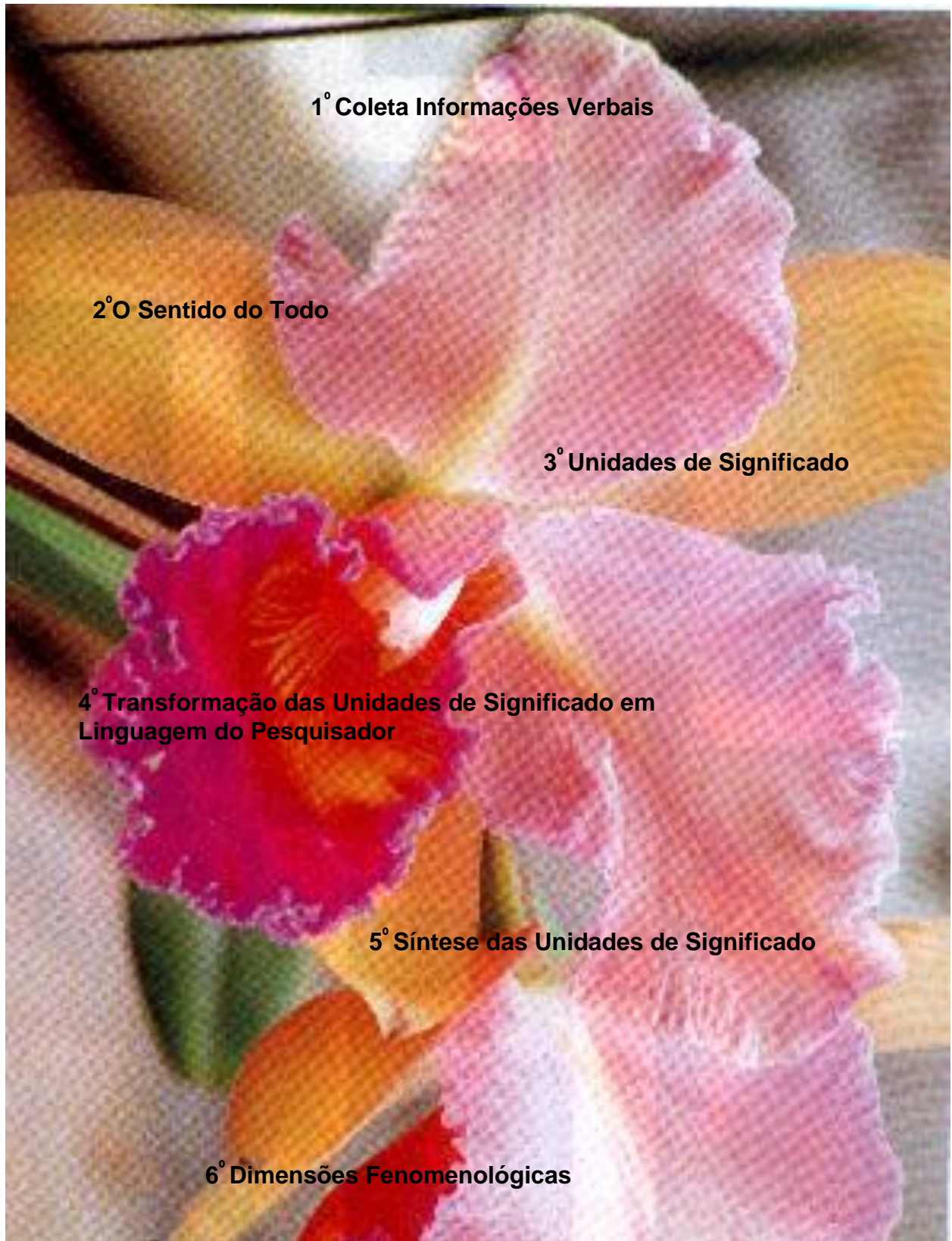


Figura 3 - O Método Fenomenológico (Fonte: da autora)

CAPÍTULO III

)



Figura 4: *Cymbidium Vermelho*

“Portanto, compreender o pensamento do cliente é penetrar o seu mundo, sua presença e sua vida. E para tanto, há que haver uma comunhão com quem fala, um ouvir olhando o cliente, envolvendo-se com ele... faz-se necessário imbuir-se e impregnar-se de seus gestos e de toda sua forma de dizer as coisas, como se pensasse com os seus pensamentos”.

Carvalho (1987, p. 40)

O ENCONTRO COM AS FLORES

A entrevista foi dialógica, buscando a compreensão do fenômeno tal qual ele se apresenta, sem interferências ou julgamentos Carvalho (1987, p. 29) afirma que:

“Ver e observar de uma perspectiva fenomenológica é ver e observar a partir do tempo e espaço do cliente. O espaço do cliente é um espaço habitado que se mede pela amplitude da sua vivência e possibilidade de alcance e captações da sua visada do mundo... o tempo do cliente, por sua vez, é seu engajamento e consciência de si. Ver e observar a partir do tempo do cliente é, portanto, captar a sua subjetividade. É poder tocar essa subjetividade no seu movimento”.

O meu encontro com as flores (mães adolescentes) ocorreu durante as entrevistas e prolongou-se enquanto revivia os momentos em minha memória e ao ouvir e ler, inúmeras vezes, os seus depoimentos.

A entrevista ocorre quando eu me encontro com o outro e isto me coloca à prova: é a minha existência que passa a existir com a outra pessoa que está ali na minha frente. Tudo isto é um processo que demanda energia e coragem para nos desnudarmos e assumirmos o posicionamento fenomenológico.

Carvalho (1987, p.7) expõe, com grande propriedade ao afirmar:

“A entrevista se dá sob a forma de existência situada no encontro. O encontro existencial não é programado. Ele é um fenômeno que se apresenta de maneira imprevista... é um acontecimento com o qual me defronto e que vai exigir de mim um novo posicionamento... indo intencionalmente, à compreensão empática deste outro que aí está diante de mim”.

Revendo o que escreve Carvalho (1987) sobre o ouvir o cliente entrevistado verifica-se que ela aborda ser imprescindível dar atenção ao entrevistado, olhar nos olhos e ouvi-lo com interesse, disponibilidade, envolvendo-se com ele e prestando atenção em seus gestos. É também compreender seu silêncio, utilizando, para isso, sensibilidade, intuição e percepção. Isto implica em captar o não verbal, a subjetividade.

A investigação ocorreu de dezembro de 1999 a setembro de 2000. As entrevistas foram realizadas com seis adolescentes, todas residentes em Porto Alegre e no período que segue o parto, denominado de puerpério.

A escolha das entrevistadas foi intencional e procurei preservar o seu direito de aceitar ou não o convite para o encontro e também o seu anonimato. Expliquei-lhes os objetivos da pesquisa, garantindo-lhes sigilo sobre sua identificação e dados coletados, bem como, a sua liberdade de expressão.

Foram combinadas, previamente, as datas e horário e o ambiente preparado para garantir a privacidade; também, com vistas à maior tranquilidade da mãe, os seus bebês permaneceram com elas durante a entrevista e possibilitou-me observar, entre outros fatores a sua interação com o bebê e a formação do vínculo. A duração média dos encontros foi de 90 minutos.

Apresentei uma questão central para nortear a entrevista "Qual o significado da maternidade nesta etapa da tua vida?".

Formulei tópicos geradores a serem utilizados se fosse preciso explicitar ou clarear determinados aspectos, mas sem rigor, evitando perguntas dirigidas que pudessem alterar o conteúdo dos relatos.

Carvalho (1987) afirma que na entrevista, entrevistador e entrevistado assumem suas identidades e, de certa forma, buscam a afirmação do seu próprio eu, cabe ao

entrevistador estar aberto para estabelecer a interação e relação de confiança com o entrevistado para que haja o encontro.

Para Assumpção (1977) o entrevistado, durante o encontro, escolhe o seu próprio rumo, abordando temas de seu interesse naquele momento vivido, um único esquema a ser seguido pelo entrevistador será a abordagem por áreas de maior ou menor conflito como família, saúde e profissão entre outros.

Tabela 1 – Roteiro para a Entrevista

Após o término da entrevista, entrevistadas e entrevistador fazem a avaliação do encontro, conforme está descrito no roteiro. O entrevistado coloca verbalmente suas impressões e o entrevistador faz seus registros em um diário.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA**1) Dados de Identificação:**

Codinome:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

2) Pergunta Central

Qual o significado da maternidade nesta etapa da tua vida?

3) Tópicos Geradores

Sentimentos emergidos nessa etapa da vida.

Relações intra e interpessoais envolvidas.

Expectativas e alterações na imagem corporal.

Estabelecimento do vínculo mãe-filho.

Representação da amamentação.

Reelaboração dos seus projetos de vida.

Resolução de seus conflitos.

Resignificação de sua identidade.

Fatores educacionais envolvidos.

Aprendizagens advindas dessa vivência.

4) Questão Complementar:

O que mais gostarias de dizer?

5) Avaliação da Entrevista pelo entrevistador:

O entrevistador faz uma avaliação da atmosfera, condições locais, interrupções, da linguagem verbal e não verbal e dos simbolismos, de modo a compreender os aspectos de inter e intrapessoalidade envolvidos neste encontro.

6) Avaliação da Entrevista pelo entrevistado:

Ao final do encontro, foi solicitado o parecer do entrevistado, com a seguinte pergunta:
O que significou para ti esta entrevista?

CAPÍTULO IV



Figura 5: *Zygopetallum* Bordô

***“O corpo é o lugar mesmo desta
“intenção” de significar e o “fazer ver”,
não enquanto equipamento psicofísico ou
conjunto anatômico, mas enquanto
“nó de significações vivas”.***

Carvalho (1987, p. 18)

DESCOBRINDO O NOME DAS FLORES

Nossa jornada pelos caminhos e atalhos da vida nos reserva situações incríveis e que, no corre-corre da vida modernas muitas vezes não podemos perceber. A felicidade me invadiu ao denominar meus sujeitos, após muitos sonhos, imagens e idéias.

Uma das minhas paixões é a natureza e as flores que fazem parte dela. E, assim pensando, encontrei as orquídeas com sua beleza e simplicidade.

A analogia que faço entre as mães adolescentes e as orquídeas deve-se ao fato dessas flores serem delicadas e, em sua maioria, florescerem uma única vez na estação. Da mesma forma, a adolescência ocorre uma única vez no ciclo vital do ser humano. E o objetivo de chamar as jovens pelo nome de flores foi o de preservá-las em seu anonimato. As cores foram escolhidas pelas entrevistadas de acordo com a sua preferência pessoal e o tipo de orquídea foi pesquisado pela autora.

As orquídeas são conhecidas desde a antiguidade e eram apreciadas e cultivadas nos castelos devido a sua beleza e perfeição. Os gregos referiam-se a elas de acordo com a sua semelhança com objetos ou animais.

Apresento um esquema no qual coloco os nomes das orquídeas, suas cores e características como flores junto com o perfil e comportamento das adolescentes encontradas nos meus registros pessoais feitos após as entrevistas. Assim, inicio o relato dos sujeitos da pesquisa favorecendo que se estabeleça a “experiência integral” de que escreve Carvalho (1987, p. 63), *“é poder ver além e antes, ao mesmo tempo, coexistindo com o outro, e estar presente e atento ao mundo”*.

Sendo assim, convido aqueles que desejam avançar na compreensão do mundo das mães adolescentes e acompanhá-las no seu desvelar, seguindo o seu movimento

como flores, lançado o seu perfume e sementes ao vento, no constante espetáculo da natureza e da vida em sua plenitude e a partir desse instante passo a relatar os resultados de minha pesquisa.

Cymbidium Rosa

Inspirado do grego Kymbom (barco), devido à semelhança do labelo (pétala central) com um barco ou bote. Veste-se de rosa, com deslumbrantes estampados em suas flores.

Cymbidium Rosa é uma mulher meiga, comunicativa, com 17 anos de idade e mãe de dois filhos. Tímida no início foi revelando-se aos poucos, à medida que nos dávamos a conhecer. Procurava adequar-se ao papel de mãe, pela segunda vez, após passar por uma gravidez indesejada. Mostrava-se preocupada com seus filhos e demonstrava afetividade ao acariciar o bebê enquanto falava. Tinha muitos planos para o futuro.

Cymbidium Maravilha

Sua tonalidade rosa acentuada tem tons de cor “maravilha” semelhante ao rosa “pink”, com pontos intensos e vibrantes em seu labelo.

Cymbidium Maravilha tem 16 anos de idade e possui dois filhos. Demonstrava ser uma pessoa fantasiosa, como a maioria das adolescentes, falava muito sobre suas experiências de vida e da preocupação com o bem-estar dos seus filhos. Demonstrava e referiu ficar chateada quando não acreditavam nela ou nos fatos que lhe aconteceram. Algumas vezes mostrava-se amedrontada e insegura.

Phalaenopsis Branca

O termo provém do grego *phalaina* e refere-se à borboletas. Possui várias tonalidades de cores, desde o branco até a forma listrada ou pontilhada.

Phalaenopsis Branca tem 16 anos, o seu bebê tinha poucos dias de vida, ela possuía um sorriso tímido, sendo de pouca conversa e fala entrecortada, revelando muitas dúvidas com relação à responsabilidade em cuidar do bebê.

Observei-a prestando o cuidado a seu bebê, na hora de trocar as fraldas, quando demonstrava habilidade e desenvoltura. Dizia ser teimosa e, às vezes, um pouco rebelde.

Cymbidium Vermelho

A flor vermelha do Cymbidium tem uma tonalidade forte e desponta, como um grande leque, de uma haste vigorosa.

Cymbidium Vermelho tem 17 anos, engravidou pela primeira vez aos 14 anos e, por ocasião do nosso encontro, tinha o quarto filho. É uma mulher bonita denotando força, dedicação e abnegação no cuidado com suas crianças. Dizia não poder ficar longe dos filhos. Tinha planos de ter sua casa e cuidar das crianças.

Zygopetallum Bordô

O nome tem origem no grego Zygon que significa unir e petalon refere-se a pétalas; tem sépalas de cores fortes e vibrantes.

Zygopetallum tem 16 anos e um filho. É uma pessoa alegre, disposta. Aparentava calma. Estava tentando adaptar-se às mudanças em sua vida.

Catasetum Verde

As flores saem carnudas, de hastes pendentes ou cachos de tonalidade próxima ao verde ou verde amarelado.

Catasetum Verde tem 15 anos e um filho. Tímida, falava com o tom de voz e olhos baixos e demonstrava surpresa por estar agora no papel de mãe. Em algumas colocações demonstrava emoção e desesperança.

O Desabrochar das Orquídeas

A linguagem faz parte da comunicação e é de vital importância nas entrevistas, pois traduz o momento vivido do sujeito, expressa um conjunto de impressões que irão dar consistência à história de vida de cada um.

Acredito que a partir do encontro com o outro, seguindo a concepção fenomenológica, é necessário que se estabeleça a interação, facilitando a compreensão do fenômeno em toda a sua significação.

Capalbo (1973, p.35) registra o que pensa sobre o diálogo em uma visão fenomenológica: **a Fenomenologia** *"instaura a atitude dialogal e do acolhimento do outro em suas opiniões, idéias e sentimentos, procurando colocar-se na perspectiva do outro para compreender e ver como o outro vê, sente ou pensa"*.

É preciso, na minha opinião, colocar-se no lugar do outro para compreendê-lo e aceitá-lo tal como se apresenta.

Para continuar no caminho das flores e mostrar seus relatos do mundo vivido transcrevo alguns trechos de suas falas.

Cymbidium Rosa

- *"Minha mãe foi mãe e pai ao mesmo tempo. Ela trabalhava para me sustentar e me educar. Foi ela quem me ensinou".*

Cymbidium Maravilha

- *"Na minha gravidez eu precisava muito do apoio do meu pai e da minha mãe, eles me deram... me aceitaram, mas eles não acreditam em mim, que fui estuprada... eu queria que eles acreditassem na minha situação".*

Phalaenopsis Branca

- *"Eu gostei dele, depois eu não gostei tanto. Queria namorar para ver como é que era para ver se gostaria. A gente, quando começa a namorar, vai perdendo o gosto, não tem mais aquele entusiasmo".*

Cymbidium Vermelha

- *"Foi uma história engraçada, assim no começo, com partes bonitas e partes tristes, do começo até agora para ficarmos juntos até o fim".*

Zygopetallum Bordô

- *"Estou pensando em trabalhar, a bem dizer é uma nova família que entrou na minha vida. Meu marido trabalha, eu o conheci na rua, ele era meu vizinho e nos encontramos e depois a gente ficou e depois a gente se juntou".*

Catasetum Verde

- *"Não estamos juntos porque o confundiram com meu cunhado e o assassinaram. Ele avisou que viria para a minha casa. Quando ele estava chegando os "caras" atiraram nele; ele tinha 17 anos".*

A intenção de colocar estes retalhos de conversa das entrevistadas é mostrar um pouco mais de cada uma para seguirmos o seu desnudar diante da vida, o que é possibilitado pelo emprego do método fenomenológico.

CAPÍTULO V



Figura 6: *Catasetum Verde*

“É por meio do contato corporal com a mãe que a criança faz seu primeiro contato com o mundo, através deste, passa a participar de uma nova dimensão da experiência, a do mundo do outro”.

Montagu (1988, p. 102)

O EXALAR DO PERFUME DAS ESSÊNCIAS E SUAS DIMENSÕES

No período em que defini a Área Temática da pesquisa, a perspectiva de aprofundar-me no mundo adolescente soou como um grande desafio e ao mesmo tempo um privilégio em poder compartilhar dos seus anseios, emoções conflitos e seu tempo de vida. Compreender as adolescentes em suas vivências, tão ricas e permeadas de sentimentos, foi uma experiência ímpar.

Ao tornar a ouvir suas falas reportei-me ao momento de nosso encontro e tudo se tornou vivo, novamente, em minha memória. Lembrei-me dos gestos peculiares de cada uma das adolescentes e que, junto com a sua linguagem, expressavam o sentido de suas trajetórias de vida. Tudo me faz crer e percebê-las como flores em um jardim, das quais exalam os seus aroma no ar e abrem-se para o futuro.

A adolescente, no seu início de contato com a maternidade, percebe a sua realidade com o espírito impregnado de sentimentos, ora contraditórios, ora de coragem e determinação.

E ser, no mundo, implica viver suas realizações ou fracassos. Lembro Capalbo (1973) ao afirmar que a atitude fenomenológica nos faz deixar que as coisas apareçam de acordo como são, transparentes, sendo que as essências se manifestam sem a pretensão de modificar o fenômeno. A mesma autora também diz que para a compreensão do fenômeno, evidenciado pela própria pessoa, é preciso favorecer e facilitar as conexões e assim obter-se a totalidade da vivência.

Durante as entrevistas, à medida que o fenômeno foi se mostrando, busquei estabelecer as relações e aprofundar meus conhecimentos no sentido de situar as adolescentes, vivendo a sua adolescência no Brasil e no mundo.

Conhecemos as estatísticas da gravidez na adolescência cujos índices aumentam a cada ano. A Fenomenologia não se contenta com a mera descrição dos fatos, mas prossegue em direção à redução eidética, ou seja, a essência do fenômeno. É fundamentar-se em algo realmente vivido e transcendê-lo para uma visão mais abrangente.

O mundo vivido das pessoas é uma trama de significações que os sujeitos tecem entre si mesmos, ressignificando-os e, assim, interagem continuamente no mundo que os rodeia.

Na minha vivência como enfermeira e docente, observo que o cuidado ao ser humano não tem sido visto como um ponto de reflexão isolado, mas um exercício diário e que me possibilita o "estar com" as adolescentes e compreendê-las nesta fase. Heidegger (1903) a quase um século atrás afirmava e hoje também seu pensamento se solidifica ao dizer que o cuidado dá significado à existência humana, quando, além da questão biológica, implica tratar de nós mesmos e dos outros em suas necessidades.

Quando me reporto aos valores referentes ao gênero, encontro à concepção de que a mulher é elemento vital para a continuidade da espécie e, por isso, possui a capacidade inerente de assumir o cuidado com sua prole. Embora os movimentos para a liberação da mulher tentassem desfazer estes conceitos. A gravidez na adolescência pode-se considerar conseqüente da confusão entre o que é liberação, no seu sentido amplo, e a com conotação de erotismo. Implica também para a jovem o desafio de cuidar de um filho tentando provar que é capaz disso, e assumir-se como pessoa e procurando auto-afirmar-se no contexto em que vive.

O problema da gravidez na adolescência, portanto, é multifacetado, bem como as suas implicações. As informações giram em torno de uma sexualidade óbvia,

facilitada pelos meios de comunicação, mas sem que se faça uma proposição de pensamento crítico-reflexivo com os jovens adolescentes.

Considerando a gravidez na adolescência, direciono-me para a maternidade nessa fase na qual a jovem irá assumir o seu filho.

Klaus & Kennel (1975) referem-se ao período de sensibilidade que existe logo após os primeiros instantes do nascimento do bebê e durante o qual a constituição do vínculo mãe-filho é favorecida. Conforme o modelo etológico, esse período existe em diversas espécies, sendo que na espécie humana ele é notado em uma fase especial da vida psicológica da mulher, que é a gestação e parto. Pode-se afirmar então que os processos psicológicos da gestação e da adolescência estão relacionados entre si com a vida mental a qual é consideravelmente modificada e diferente do que é antes e depois dessas fases.

Para Stern (1997, p. 173), *"não é sabido a exata natureza desse tipo de organização mental ou como ela influencia a vida mental e o comportamento da mulher"*.

Langer (1986, p.222) coloca que:

"Se conseguirmos educar filhas sadias que tenham um mínimo de angústia e sentimento de culpa e que possam aceitar prazerosamente sua feminilidade, podemos esperar que a gravidez e o parto sejam novamente o que são ainda em algumas sociedades ou para algumas mulheres felizes de nossa sociedade: a conquista máxima de suas faculdades biológicas acompanhadas pela plena consciência de intervir na maior experiência possível, ter concebido e alimentado dentro de si um novo ser e ter-lhe dado a vida".

E assim pensando, revejo as entrevistas, nas quais os sentimentos das mães adolescentes emergiam a cada olhar, imprimindo em minha memória o seu significado; modificaram algo em mim, já não me sinto a mesma, com certeza para elas também

algo mudou após o nosso encontro. Pode ser que para elas tenha sido um momento de desabafo e, para mim, oportunizou-me a compreensão do seu mundo vivido.

Imagens continuam surgindo, como em uma tela, gradativamente, e com o perfume das flores vão se revelando as essências e dimensões do fenômeno. Segue-se o relato do ponto culminante da pesquisa, o relato das essências e suas dimensões fenomenológicas, as quais passo a abordar nas páginas seguintes.

Tabela 2 - As Essências e Dimensões Fenomenológicas no Significado da Maternidade na Adolescência. (Fonte: da autora)

ESSÊNCIAS E DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	
ESSÊNCIAS	DIMENSÕES
1. ASSUMIR A MATERNIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descoberta e aceitação da gravidez; ✓ Sentimentos emanados das adolescentes; ✓ Início do vínculo entre mãe e filho; ✓ A responsabilidade no cuidado com o filho.
2. RELACIONAMENTO FAMILIAR E AFETIVO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A participação do companheiro; ✓ Apoio dos pais; ✓ As orientações fornecidas pelas mães às filhas.
3. PROJETOS DE VIDA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Processo de maturação alterado com a gravidez; ✓ Os planos para o futuro; ✓ As expectativas com a imagem corporal.
4. FATORES EDUCACIONAIS E A MATERNIDADE RESPONSÁVEL	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimento do uso adequado dos métodos contraceptivos; ✓ Amamentação e as habilidades no cuidado com o filho; ✓ Recorrência da gravidez na adolescência.

CAPÍTULO VI



Figura 7: *Cymbidium Rosa*

“A linguagem é a casa do ser. Investigar a linguagem é, portanto, investigar o próprio ser, tendo esta o poder efetivo de traduzir a essência do ser e dos fenômenos”.

Moraes (1993, p. 20)

A COMPREENSÃO DA LINGUAGEM DAS FLORES - A MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Sinto agora, mesmo após ter passado algum tempo, a energia, a coragem dessas jovens ao assumir o cuidado de um novo ser e tudo o mais que decorre da gravidez. São vivências preciosas, cada qual com suas características e sua identidade.

Os encontros com essas meninas- mulheres- mães marcaram a minha vida para sempre e a Fenomenologia contribuiu sobremaneira para que eu reformulasse algumas idéias que possuía ao iniciar a pesquisa; talvez fossem preconceitos adquiridos e nessa oportunidade consegui percebê-los com a olhar fenomenológico. Esta maneira de ver ajudou-me a ser mais humana, a evitar julgamentos e a compreender melhor as pessoas e os fatos em si. Pensava que o adolescente era irresponsável e que depois do fato consumado transferisse a responsabilidade e decisões para os pais, como já havia visto em muitas ocasiões.

Abordo a linguagem das flores, revendo suas palavras e gestos, e sua linguagem corporal, como pontos chaves na compreensão do fenômeno proposto no estudo. Também foram considerados os silêncios, a fala entrecortada ou vacilante que poderiam favorecer os insights facilitadores de uma visão mais ampla do mundo vivido das adolescentes.

Cada adolescente percorre o seu próprio "destino", ou seja, através de seus atos e vivências vai escrevendo a sua história, na qual outras pessoas aparecem e compartilham a sua linha da vida. Alguns com mais ímpeto, outras tímidas, porém sempre em busca da realização de todas as dimensões da vida. Querem a felicidade, um mundo melhor, sem dor ou injustiças.

Com o nascimento do primeiro filho, algumas mudanças ocorrem na mãe; concordando com Stern (1997), o seu status e identidade, de repente, estão alterados como em uma mudança da noite para o dia. A mulher reorganiza-se e reavalia seu interior com a ajuda de seu bebê, uma vez que ele a está transformando em mãe. É através dos cuidados de maternagem (alimentar, trocar fraldas e afetividade, entre outros cuidados) que a mãe, ao mesmo tempo em que organiza o mundo do seu filho, também vai reorganizando o seu próprio mundo e para isso ela deverá construir novas redes de esquemas que são representados pelo seu papel de mulher, esposa e companheira, filha, neta, enfim, naquele que irá definir o seu papel na família e sociedade na qual está inserida.

No caso da adolescente, além desses esquemas há a sua condição de estar em processo de crescimento, citado por Aberastury (1992), e de estar em busca de sua identidade.

Alguns autores referem-se à maternidade como uma capacidade inata da mulher, ou seja, o instinto maternal faz parte do seu ser, Stern (1997) comenta sobre isto como se fosse uma qualidade pré-existente na mulher. Penso que ser mãe transcende o próprio instinto, é muito mais profundo e precioso, pois é um papel que necessita ser construído, cultivado a cada dia, aprendendo a lidar com os prazeres e as situações complicadas. Para isso, a mulher busca também bons modelos que se relacionem com seus próprios conceitos de mãe para neles se apoiar, uma vez que não existe receita, uma fórmula mágica para isto.

A manutenção desta chama de amor precisa ser constantemente abastecida e alimentada para que o lado assustador da responsabilidade seja convertido em uma tarefa de troca mútua e de ajustamento à maternidade. O processo de apego com o

bebê pode-se afirmar, não acontece instantaneamente, o vínculo é recíproco e também envolve a atitude e colaboração do pai da criança.

Nesse trabalho já foi abordado a importância da proximidade inicial da mãe com seu filho para desenvolver o vínculo; porém, em outras oportunidades, ao longo da vida da criança, será útil abastecer e fortalecer esta ligação, uma vez que é um processo gradativo e que sofre várias influências no seu decorrer.

O significado da maternidade é muito amplo e possui inúmeros detalhes que ora direcionam para um caminho, ora para outro, pois somos diferentes como pessoas e tenho a convicção de que para cuidar do outro e de nós mesmos precisamos chegar até a essência de cada um.

1. ASSUMIR A MATERNIDADE

As essências emanadas da compreensão do momento vivido pelas adolescentes entrevistadas foram relacionadas por ordem de acontecimentos dos fatos. Esse momento inicia-se ao descobrir-se sendo um ser gerando outro ser, e ao assumir-se com a responsabilidade implícita desse fato, direcionando-se para a vinculação com o filho real.

Leff (1997) observa na gravidez e puerpério que a nova mãe se defronta com a imagem criada de sua própria mãe e na sua busca por modelo ou exemplo, procura lembrar-se de como foi ou é a sua relação com a mãe e utiliza-se do lado bom para evitar repetir outras experiências negativas que outrora aconteceram entre elas. É preciso deixar o lugar de filha para assumir o papel de mãe da sua própria criança.

Nada melhor do que suas próprias falas para ilustrar o que significa a maternidade nesta fase de suas vidas e de que maneira pensam em assumí-la de agora em diante.

Cymbidium Rosa (16 anos)

"Sou jovem e para mim ser mãe é participar de vida dos filhos".

Para a adolescente está presente à noção de sua juventude e a necessidade do entrosamento com os filhos, participando ativamente dos momentos de intimidade com os mesmos.

Cymbidium Maravilha (15 anos)

“Ser mãe para mim significa uma coisa boa e também, agora, pela segunda vez. Quero orientar meus filhos quanto às drogas o prepará-los para os fatos da vida”.

Aqui aparece a preocupação com os problemas atuais, principalmente as drogas e a preparação dos filhos para a vida; no entanto, a noção do que é maternidade ainda não é manifesta de forma clara ou consistente, parecendo mais uma idéia vaga.

Phalaenopsis Branca (16 anos)

"A maternidade é uma coisa boa... agora sou mãe e as atenções são para o bebê”.

Esta adolescente vê a maternidade como algo bom em sua vida e percebe que as atenções da família estarão direcionadas para o bebê, de agora em diante, denotando uma pitada de ciúmes nesta ocasião.

Cymbidium Vermelho (17 anos)

"Sinto-me muito feliz em ser mãe e contente por cuidar desses nenezinhos”.

Após o quarto filho, ela sentia-se satisfeita com seus filhos e capaz de assumir os cuidados e a educação das crianças. Em suas colocações a vida doméstica junto aos filhos lhe encorajava a continuar com seus projetos, agora modificados pelas circunstâncias atuais em sua vida.

Zygopetallum Bordô (16 anos)

“Sinto-me uma outra pessoa depois de ter o bebê, um pouco mais importante. Agora, sendo mãe, eu não posso sair como fazia antes”.

Aparece nessa posição a impressão de tornar-se outra pessoa depois da maternidade, com algumas limitações conseqüentes e, por isso, modificando seus hábitos. O papel de alguém importante por ser capaz de assumir seu bebê perante a família.

Catasetum Verde (15 anos)

"Agora eu tenho que pensar que eu serei mãe... que eu sou mãe..."

Nota-se a ambivalência entre o viver a gestação e o assumir-se no papel de mãe com as responsabilidades próprias da maternidade,

De acordo com Leff f1997, p. (127), as primeiras semanas após o nascimento não se constituem somente um período de aprendizagem no cuidado com o bebê, mas;

"um confronto apaixonado com um ser que esteve em seu interior e conhece seu corpo pelo lado de dentro, cujo odor e percepção são profundamente evocativos e incitam antigos resíduos da infância em ambos, mãe e pai. Gradualmente, essas identificações serão abandonadas e substituídas por reconhecimento, compaixão e aceitação que são o direito inato de cada membro da família".

Percebe-se que, após o nascimento da criança, a mulher, principalmente a adolescente, em busca da sua identidade precisa aceitar-se e assumir-se na qualidade de mãe. Cada mulher irá viver a experiência da maternidade de acordo com o seu

modo de ser como pessoa, as suas relações familiares e o apoio que receber dos mesmos.

Descoberta e Aceitação da Gravidez: Sentimentos Emanados das Adolescentes

O grupo de mulheres entrevistadas relata como foi a sua aceitação da gravidez e os sentimentos que brotaram dessa vivência. Reproduzo alguns trechos nos quais os sentimentos são deixados à mostra e verbalizados; é a chamada “voz interior” de que fala Leff (1997, p. 7), ou seja, *“a representação da vivência de cada um influenciada pelas relações familiares e da sociedade em que vivem”*.

Essas representações incluem suas fantasias, desejos, sonhos, medos, esperanças, lembranças de sua infância e as previsões para o futuro da criança, o que será abordado no transcorrer do encontro com as essências.

Cymbidium Rosa sente-se muito emocionada e afirma, categoricamente, que sua segunda gravidez não foi planejada, ou seja, não houve um desejo explícito do casal nesse sentido. A gravidez atual diferiu da primeira, pois naquela aguardava ansiosamente pela vinda do bebê, o que foi visto, com pesar, na segunda gestação e parto.

“Minha gravidez foi um ato de irresponsabilidade, não foi planejada como da primeira vez”.

Cymbidium Maravilha surpreendeu-se com a gravidez, uma vez que resultou de um ato de violência; sentiu-se invadida em seu íntimo, não teve escolha e sua primeira reação foi à rejeição ao “invasor”.

“Engravidei pela primeira vez com 13 anos; foi algo que eu achava impossível que acontecesse, pois fui vítima de uma agressão, um estupro. Lembro que fiquei traumatizada, não queria a criança, pensava em fazer aborto”.

Phalaenopsis Branca se deparou com a desconfiança da possível gravidez e não se sentiu encorajada a confirmá-la através do parecer médico. Faltou ao exame e depois contou a sua mãe, tardiamente.

“Desconfiei logo de que estava grávida, marquei um exame e não fui. Conte para minha mãe quando estava com seis meses de gestação”.

Cymbidium Vermelho manteve um relacionamento com aquele que agora é seu marido e, não utilizando nenhum método contraceptivo, engravidou, pouco tempo depois.

“Engravidei com 14 anos, foi um tempo difícil... Meu pai permitiu que morássemos juntos, ele tinha medo que eu me envolvesse com drogas, não usava nenhum método para evitar a gravidez e isso aconteceu algum tempo depois”.

Zygopetallum Bordô diz:

“É uma experiência nova que está começando, eu tinha namorado há um ano e depois eu fiquei grávida... Agora que veio, não adianta mais”.

Para Catasetum Verde, a gravidez aconteceu de forma semelhante:

“Engravidei por descuido... já que não era para querer, mas já que veio, tenho que querer com amor e carinho”.

As duas jovens têm idéia de que engravidaram após o namoro e a aceitação de algo que não é possível ser modificado, mas aceito como uma realidade e que deve ser encarada de frente.

As adolescentes pesquisadas sentiram-se surpreendidas pela gravidez não planejada e, em um momento seguinte trabalharam-se como fato determinante, sem volta, vivendo uma mescla de sentimentos contraditórios entre a rejeição e a aceitação.

Maldonado (1997) confirma que muitos adolescentes iniciam a sua vida sexual sem nenhuma precaução, sempre contando com a sorte de não engravidar e, de repente, isso ocorre, modificando totalmente sua vida. Também diz que pode haver “sabotagem”, quando não são utilizados os métodos contraceptivos de maneira adequada, deixando a gravidez “acontecer”, simplesmente, e só depois pesar as conseqüências.

Muitos momentos de dúvidas sobre a aceitação da gravidez podem fazer com que ao mesmo tempo em que se deseja um filho, por outro lado pode ser rejeitado. Esses sentimentos ambivalentes aparecem com maior intensidade na gravidez que ocorre de uma maneira não planejada e irá persistir no decorrer da gestação,

prolongando-se após o parto, enquanto se processa a vinculação da mãe com seu filho.

O Início do Vínculo entre Mãe - Filho

Ao iniciar os comentários sobre o vínculo entre mãe-filho, é importante e necessário que eu coloque algumas concepções sobre o que é vínculo, como ele se estabelece entre mãe-filho e a inclusão do pai nesta relação de afeto e ajuda mútua.

Para Pichon-Riviére (1998, p. 17) *“a relação de objeto é a estrutura interna do vínculo (...). É uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que funciona acionada ou movida por fatores instintivos, por motivações psicológicas”*.

Particularmente os primeiros dias pós-parto são coloridos por emoções e sentimentos, quando se inicia o relacionamento da mãe com o filho. Para a mãe, o bebê ainda é um prolongamento de si própria. Existe uma relação simbiótica entre os dois. Para Montagu (1988, p. 56) *“quando nasce um bebê, nasce também sua mãe. As necessidades maternas de contato excedem às do bebê”*.

Cymbidium Rosa descreve sua experiência ao ver seu primeiro filho:

“Quando nasceu fiquei emocionada, chorei muito ao vê-lo perto de mim, mil emoções se passaram naquele momento. Na gravidez atual não tive sentimentos semelhantes... Só ficou a dor e o desejo de que ela nascesse logo para terminar o sofrimento. Porém ao vê-la percebi que a amava, mesmo tendo-a rejeitado na gravidez”.

Cymbidium Maravilha aborda que:

“Ao ver o bebê, fiquei emocionada e contente por ele não ser parecido com o pai. Foi uma felicidade grande quando ele nasceu e pude vê-lo”.

Phalaenopsis Branca diz:

“Tenho a certeza de que cuidarei bem dela, sentirei as dificuldades, no início, até me adaptar à nova situação”.

Cymbidium Vermelho relata que:

“Meus filhos são importantes, para mim, sinto a falta deles quando fico longe”.

A jovem Zygotetallum Bordô fala sobre o seu contato com seu bebê:

“Sinto-me esquisita, não conseguia me ver desse jeito, não me imaginava. Agora é nova fase, pensar que o bebê depende de mim”.

E Catasetum Verde afirma ainda que:

“Penso na minha filha. Cheguei ganhando, ganhei de parto normal, nem senti. Enxerguei ela quando o pediatra a estava arrumando, depois adormeci”.

Observa-se, nos relatos das jovens mães, que logo após o parto as suas idéias e relacionamentos estão ainda pouco definidas sobre o novo papel e que o vínculo irá

se fortalecendo à medida que progredem os dias e os contatos entre mãe e filho se estreitam.

A Responsabilidade no Cuidado com o Filho

Na maioria das vezes as mulheres aprendem a lidar e cuidar dos seus filhos com o suporte e o apoio de suas mães. Não importa se selecionam os aspectos positivos ou negativos, o que deve ser feito é a adequação dos papéis de acordo com os costumes e, cultura da sociedade em que estão inseridos para que possam usufruir dos aspectos negativos, de maneira a evitá-los, na sua convivência com os filhos.

Cito relatos que evidenciam a responsabilidade da mãe para com seu filho, observando as limitações próprias da tenra idade e da inexperiência:

Cymbidium Rosa demonstra a preocupação em proteger seus filhos e ser a sua provedora de cuidados.

“Pretendo ser para os meus filhos uma boa mãe e lhes dar tudo aquilo que eu não tive. Ensino ao mais velho o que está ao meu alcance e o protejo para evitar acidentes”.

Phalaenopsis Branca coloca que:

“Tenho a certeza de que cuidarei bem dela, sentirei as dificuldades do início, até me adaptar à nova situação”.

Cymbidium Vermelho coloca o marido como participante nos cuidados com as crianças:

"Meu marido está sempre do meu lado, cuidando das crianças quando preciso e, desde que nos conhecemos, agimos assim".

E Zygotetallum Bordô:

"Meu bebê é bastante pesado para ficar no colo. Sabia do sexo do bebê desde o 7º mês de gestação. Já estou conseguindo cuidar dele. Tinha algumas dúvidas que consegui solucionar com as orientações recebidas".

Catasetum verde está temerosa em fazer certos cuidados com o bebê:

"Tenho medo de mexer no umbigo, fico com medo de machucar".

Nas expressões das entrevistadas nota-se a preocupação em assistir e cuidar do bebê com autonomia, a inexperiência gera as dúvidas e medos em relação a certos cuidados e procurando conciliar com as tarefas do lar.

As mães adolescentes auxiliam muito nesse aspecto, oferecendo o seu afeto à criança; Montagu (1988, p. 106) confirma a importância do contato de pele e da demonstração de carinho para a sobrevivência do bebê:

"É o toque das mãos, do colo, das carícias, os cuidados, a proteção dos braços...; mesmo na ausência de muitas outras coisas, estas experiências essenciais de tranquilização que o bebê precisa para sobreviver e manter-se com saúde".

Ainda Montagu coloca que o relacionamento interpessoal com a mãe proporciona à criança as suas primeiras manifestações de comunicação.

2. RELACIONAMENTO FAMILIAR E AFETIVO

Verificando o significado de família, pode-se colocar diversos conceitos e um ponto comum se observa quanto a sua importância como célula base da sociedade em que vivemos, e, a partir dela, o ser humano aprende a necessidade de relacionar-se com os outros e com o mundo. Destaca Motta (1998, p. 31) que:

“O homem e o mundo completam-se e confundem-se, formando uma unidade; há uma construção do homem com o mundo”.

Entre as instituições sociais, a família é a mais elementar, uma vez que o ser humano tem uma tendência a organizar-se em uma estrutura familiar.

As famílias têm aspectos que as diferenciam, conforme o ambiente em que estão inseridas e as culturas, as opções religiosas, bem como os valores pessoais e familiares.

Coloca Empinotti (1994, p. 18) sobre a necessidade de comunicação da pessoa: *“a pessoa humana é essencialmente ser de comunicação, ser dialogante”*. Concordo também sobre o papel da família que tem como objetivo fornecer o apoio a seus membros e transmitir-lhes seus valores e princípios para a convivência com outras pessoas, de modo a possibilitar a seu estar no mundo.

Pikunas (1979) diz que família é um grupo social e duradouro.

Nitschke (1999, p. 25) considera que a família:

“Caracteriza-se por ser um corpo, mas um corpo social, ou seja, uma rede de interações que pode assumir diferentes formas; que possui objetivos e toma decisões enquanto grupo; tem uma estrutura de funcionamento interno, constituída por posições e papéis, possuindo várias atribuições, dentre elas, inclusive, o cuidado de saúde de seus membros”.

Frison (2000) cita Delors, que coloca a família como sendo o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura a ligação entre o afetivo e cognitivo e a transmissão de valores e normas.

Assim, a família é responsável por fornecer a orientação necessária para que seus membros, entre eles os filhos, recebam o apoio e orientação para a vida, permeada de muita afetividade e amor e, assim, possam passar para as suas próprias famílias este exemplo. Costuma-se ouvir na linguagem popular que “não se pode dar aquilo que não se tem”. Mas o ser humano quando consciente de suas limitações, ao identificá-las, poderá modificar esta afirmativa se assim o desejar.

Nas entrevistas, verificou-se que ainda é difícil para os pais manter o diálogo franco e aberto com seus filhos principalmente quando o assunto é relacionado à sexualidade, pois em sua maioria não tiveram esse tipo de conversa com seus próprios pais. Muitos adolescentes relatam que não sabem muita coisa sobre a vida de seus pais assim como aqueles desconhecem o que se passa com o filho ao se tratar de sexualidade.

Nesta essência e suas dimensões é ressaltada o quanto significa para as mães adolescentes as relações familiares e afetivas. Enfatizam o apoio do companheiro e sua participação no momento de aceitar a gravidez e assumir a paternidade do filho.

O apoio proveniente dos pais é considerado indispensável, pois em muitos casos é o único encontrado. Esta ajuda inicia-se com a revelação do fato aos pais, as condições em que ocorreu e o auxílio para a adaptação a este processo da vida da mulher.

Outra dimensão vital dentro do círculo familiar são as orientações da mãe para a filha, o acompanhamento da gestação e parto. A troca de experiências e conhecimentos favorece o compartilhar das suas vivências.

As dimensões serão abordadas e ilustradas juntamente com as falas que proporcionam vida a cada relato.

A participação do Companheiro

A participação do companheiro é muito considerada pelas mães adolescentes. A partir do momento em que a mulher suspeita ou confirma sua gravidez e dá a notícia a seu par, sua expectativa é de que ele aceite e assuma sua parte de responsabilidade na geração de um novo ser e no fortalecimento desse relacionamento. Ao pai da criança cabe, além da aceitação do fato em si, proporcionar a sua companheira um clima de interação e afetividade.

Cymbidium Rosa diz:

“Desconfiei que estava grávida quando fiquei dois meses sem menstruar, falei para meu namorado, agora marido e ele me levou ao médico, junto com minha mãe”.

Cymbidium rosa mora com o pai dos seus filhos na casa dos pais dela. Ele assumiu a paternidade sem maiores problemas.

O mesmo ocorreu com Cymbidium Vermelho que relata:

“Engravidei com 14 anos, foi um tempo difícil, pois eu ainda estava estudando e tinha que cuidar do bebê. Tive apoio da escola e do meu companheiro que assumiu os filhos desde o início”.

Para Phalaenopsis Branca, embora em outra perspectiva, sente necessidade de pensar que o apoio do pai do bebê será efetivado, apesar de ser, até então, apenas uma promessa.

“Gostei dele por algum tempo, depois senti que não era aquilo que eu imaginava, fui perdendo o gosto, o entusiasmo. Nosso relacionamento ficou diferente; quando começamos a transar, não havia mais aquele amor. Hoje estamos juntos, mas nos relacionamos bem e ele prometeu que iria assumir o filho”.

Mesmo que não estejam mais juntos a mulher sente a necessidade de apoio e divisão da responsabilidade com o seu companheiro, para que possa haver um amparo para assumir a maternidade e as adaptações necessárias a este período.

Segundo Luz (1999), quando a paternidade não é assumida gera-se uma dificuldade no desempenho da maternidade, isto é, a mulher sente-se sozinha, em um momento muito importante de sua vida. Na maioria dos casos a família decide se colocar junto à nova mãe e assim auxiliá-la nesse período.

Quando a gravidez acontece, há uma mudança na percepção da relação a dois que até então existia e é preciso abrir um espaço para o filho, concordando com Maldonado (1997), o homem e a mulher deixam de ser apenas filhos para se tornarem também pais, sendo que esta transição traz muitas expectativas, temores e sentimentos contraditórios.

Todo o adolescente sente a necessidade de procurar um parceiro que seja amoroso, compartilhe de seus gostos e desejos e possa lhe oferecer segurança e apoio. Nessa busca de conhecimento do outro pode acontecer a gravidez e a

necessidade de ter que assumir uma nova condição, o de companheiro e as implicações legais que advém desse ato. A mulher espera que o rapaz aceite a situação e possa assumir a paternidade. Se a relação for instável uma segunda hipótese poderá ser a não aceitação do filho e o término do relacionamento.

Para a mãe adolescente é significativa a presença do seu par nesse período de vida, caracterizando a formação de um lar próprio.

Pikunas (1979) considera que a futura mãe tem reações emocionais diferenciadas pela gravidez e precisa sentir-se apoiada e amada pelo companheiro, assim como por outras pessoas que lhe sejam significativas, a fim de facilitar o seu ajuste à maternidade.

O Apoio dos Pais

Para a adolescente as pessoas que fazem parte de sua família são elementos vitais; dentro desse grupo estão o seu pai e a sua mãe. A jovem conta com a compreensão e ajuda de seus pais ao descobrir-se em uma possível gravidez.

Não é o que ocorre, costumeiramente, quando os pais são os últimos, a saber. Isto se deve ao medo de repreensão, castigo ou rejeição. Maldonado (1997) coloca que muitos pais não costumam ter um diálogo com seus filhos, abordando sobre a sexualidade, tornando difícil ou inviável a ajuda neste aspecto.

Nessa dimensão, Cymbidium Rosa expõe seus sentimentos com relação aos pais que estão separados desde que ela tinha quatro anos de idade.

"Eu tenho mágoa dele (o pai) por ter me deixado, ele foi desinteressado (...).

Toda a criança quer ter um pai. Ele não gosta do pai dos meus filhos e eu digo que ele não tem direito de falar, porque meu marido está junto comigo, ele está criando os filhos, ele não me abandonou".

Nota-se nestas expressões um forte sentimento de mágoa pela ausência do pai, mas ao mesmo tempo, não aceita suas interferências no seu estilo de vida, o que também repercute no relacionamento com a mãe.

"Minha mãe, foi mãe e pai ao mesmo tempo. Ela trabalhava para me sustentar e educar, me ensinou e ajudou financeiramente também. Atualmente a gente não se fala".

Leff (1997) comenta que existe um inevitável paralelo entre mãe e filha e, como todo o relacionamento, este é marcado por sentimentos ambivalentes e contraditórios que podem estender-se ao pai, dependendo do que é sentido em relação a ele.

Cymbidium Rosa enfrenta situações mal resolvidas, como a sensação de ter sido abandonada pelo pai, sente ciúmes da sua nova família e estende estes ressentimentos para a mãe, surgindo assim desentendimentos entre ambas.

Cymbidium Maravilha ressalta o apoio de seus pais na aceitação da sua gravidez em circunstâncias de violência, após um estupro:

"Posso dizer que recebi aceitação dos meus pais na minha gravidez. Foi importante, pois senti muito medo de que o pai do meu filho pudesse me encontrar e tirá-lo de mim".

Catasetum Verde também tem uma situação trágica na sua vida, seu namorado foi assassinado uma semana antes do nascimento do bebê. Pensa que isto é destino da família, porque aconteceu o mesmo com seu pai a um mês do seu nascimento. É a caçula e sua mãe a chama de mascote. Continua morando com ela e recebe ajuda e orientação.

“Eu tinha muitas dúvidas durante a gravidez, disse para minha mãe e irmã que elas me ajudariam a cuidar do nenê. Tenho muito medo de machucar. Acho que com o tempo irei aprendendo a cuidar dele sozinha”.

O pai de Cymbidium Vermelho concordou com a filha quando permitiu que o casal ficasse junto, na sua casa, mas depois que soube que ela estava grávida afastou os dois:

"Durante toda a gravidez nós ficamos separados, cada um na sua casa, como namorados. Depois do falecimento do meu pai passamos a morar juntos novamente. Moro com minha mãe até agora".

Em algumas famílias, quando a filha revela sua gravidez, isto pode ser encarado como uma prova de deslealdade para com seu pai ou outros elementos da família. Leff (1997) afirma que o medo de ser rejeitada pela família, principalmente pelo pai, por representar a figura de autoridade maior na casa, faz com que seja adiado o momento de dar a notícia. Assim aconteceu com Phalaenopsis Branca.

"Meu pai ainda não sabe de nada, ele nem sabia que eu estava namorando. Não imagino como irá receber a notícia".

Seus pais estão separados e não se encontrou com o pai durante a gestação. Essa adolescente lembra do apoio encontrado em sua mãe que passou por situação semelhante à dela:

"Dessa vez minha mãe me apoiou, porque o mesmo ocorreu com ela; quando tinha 16 anos, eu nasci. Minha avó a ajudou na época e foi quem me criou até seu falecimento, dois anos atrás".

Pode-se dizer que as famílias, cada qual com suas características, reagem de maneiras diferentes à notícia da gravidez na adolescência, umas com aceitação e apoio imediatos e outras necessitam de um espaço de tempo maior para trabalhar suas fantasias e expectativas e redirecioná-las ao momento presente. Mas, sem dúvida, é essencial que apoiem a adolescente nesta fase de transição.

Na dimensão seguinte as orientações das mães para suas filhas emergem como parte da essência do relacionamento familiar e afetivo.

As Orientações das Mães para suas Filhas

Leff (1997) e Stern (1997) apontam que durante a gravidez os sentimentos em relação às suas mães são reavivados. Há uma certa ambivalência, em que as lembranças evocadas do seu interior se referem à convivência na infância e adolescência e irão prolongar-se até entrar na fase adulta.

A adolescente, por sua vez, busca um ponto de referência para guiar-se e este ponto é sua mãe; da mesma forma que se identifica ou não com sua mãe, procura auto-afirmar-se como ser independente, capaz de alcançar sua própria individuação. Mas para que isto seja feito ainda depende das orientações e auxílio de sua progenitora.

Zygopetallum Bordô afirma que:

“Minha relação com a minha mãe é ótima. Ficou meio assim no início, mas depois aceitou. Estou conseguindo trocar as fraldas do bebê e cuidar dele, já tinha alguma experiência com outros bebês (meu irmão) e minha mãe me ajuda”.

Para Cymbidium Vermelho:

“O relacionamento com minha mãe é bom, sempre ficamos juntas, ela sofreu muito com o primeiro marido, e é ela que me ensina a cuidar das crianças e me auxilia muito. Às vezes minha mãe falava algumas coisas, mas sem me orientar, penso se as coisas fossem diferentes tudo isso não teria acontecido”.

Cymbidium Maravilha revela:

“Minha mãe sempre me ensinou tudo' a experiência de mãe, como cuidar das crianças, cozinhar”.

Phalaenopsis Branca, que foi criada pela avó, verbaliza que sente muito a sua falta e emite o seguinte pensamento:

“Devo prestar atenção aos conselhos porque aquilo que aconteceu não dá para errar novamente. Penso que, se ela estivesse viva, isto não teria acontecido comigo”.

Para Cymbidium Rosa o seu relacionamento com sua mãe atualmente não é bom , quase não se falam, mas reconhece que, à sua maneira, ela sempre a apoiou:

"Minha mãe diz que tenho que começar de baixo, nem que seja trabalhar em serviços gerais. Eu nunca tive orientação, e meu único erro é que eu tenho 17 anos, os outros vão dizer: ela tem 17 anos e já está com dois filhos. Mas eu nunca usei drogas, apesar de muitas vezes estar deprimida e ter brigado com minha mãe “.

Catasetum Verde lembra que sua mãe lhe orientava para estudar, tem muitas dúvidas a respeito do cuidado com o bebê, mas espera que sua mãe a ajude.

O que pode ser sentido nas colocações das entrevistadas é que suas mães seguem os modelos que tiveram para si e orientam as suas filhas baseadas em suas vivências.

Luz (1999) coloca que as orientações maternas se referem ao cuidado com a casa, limpar e cozinhar e o trato com as crianças, geralmente aprendido dentro do próprio lar e no cuidado com os irmãos mais novos O diálogo sobre orientação sexual ainda é tabu, é pensado como algo que deve ser escondido, o que impele a jovem a procurar outros caminhos para receber orientações ou saciar sua curiosidade.

Pode-se dizer então que o elo que faz a interligação e a união entre os elementos da família é o afeto.

3. PROJETOS DE VIDA

Aberastury (1992) confirma que os projetos de vida, para a adolescente, são parte de sua transição para o mundo adulta. Ao empreender a busca por sua afirmação de identidade, irá conquistando uma ideologia própria para adaptar-se à sociedade em que está inserida.

Para a mulher, muitas vezes, isto se torna mais difícil devido aos condicionamentos culturais que diminuem a sua autonomia, limitando-as à vida doméstica, em seu núcleo familiar.

Entre os seus planos estão estudar e trabalhar e isto é interrompido com a gravidez, na maioria das vezes não planejada e indesejada, e que, assim, funcionará como obstáculo para o prosseguimento de sua vida, de acordo com os seus sonhos e aspirações para o futuro.

Aberastury (1992, p.71) ilustra essa posição colocando que:

"A identidade alcançada no final da adolescência, embora tenha sua relação com as identidades do passado, inclui todas as do presente e também os ideais para os quais tende. O destino das identificações da infância dependerá não só da elaboração interna que a criança realiza, mas também das pautas, de conduta da família e da sociedade. A formação da identidade começa com a própria vida".

O processo de maturação da jovem adolescente é alterado com o acontecimento da gravidez e para o qual ela precisa fazer adaptações a fim de situar-se e viver dentro dessa nova condição.

O Processo de Maturação Alterado com a Gravidez

Retomando, a palavra *adolescere* vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior. Portanto, o adolescente é um ser humano em crescimento, em evolução, buscando atingir a maturidade e sua identidade pessoal.

Para Bloss (1996) o adolescente nesse ínterim atravessa dificuldades de adaptação com as mudanças corporais, surgem os conflitos e a dualidade. Ora sentem-se donos do mundo e ora encontram-se inferiorizados e em dúvida.

Cada dia aumenta a ocorrência da gravidez na adolescência e as estatísticas assim o mostram. No meu convívio diário na assistência de Enfermagem percebo o aumento da incidência de partos em adolescentes.

A gravidez, além de ter repercussões na parte física e psicológica, também pode interferir na maturação, alterando as etapas do ciclo vital e encurtando a adolescência.

Esta afirmação é vista da seguinte forma por Cymbidium Vermelho:

“Sou muito jovem e gosto de me arrumar, passar batom, usar brincos, mas deixo de comprar essas coisas supérfluas para oferecer um presentinho ou comida para as crianças”.

Percebe-se a abnegação que é própria das mães, ao dedicarem-se aos seus filhos.

Continua ainda a mesma jovem:

"Quero cuidar para que eles não entrem nas drogas, para que a minha filha não tenha filhos tão cedo como eu tive porque tu perde algumas coisas na tua vida, às vezes pode-se achar que não, mas não se pode dançar, fica-se com menos liberdade para sair. Percebo isto. Penso que quando eles crescerem eu poderei resgatar este tempo".

Cymbidium Rosa também concorda, ao dizer que quer orientar seus filhos para viver em sociedade, falar sobre o cuidado com as drogas e que muitas vezes reage como criança ao brincar com seu filho:

"Minha mãe disse que eu me comporto como criança e às vezes eu me sinto bem fazendo isso"

Já Catasetum Verde pensa que está mais responsável, depois da gravidez:

"Antes eu não tinha responsabilidades com nada, era do estudo para casa e da casa para a rua. Eu estudava e saía, sem juízo. Agora sou mais responsável".

Nessa perspectiva. Stern (1997) escreve que a nova mãe precisa mudar, para reorganizar sua identidade passando do papel de filha para passar a ser mãe. Sendo que na adolescência se efetiva o processo de desenvolvimento de criança para adulto junto à reorganização de uma identidade ainda em formação.

A jovem Cymbidium Maravilha vê com muita propriedade este momento de emoção e despreendimento em direção ao filho:

"Fiquei apavorada quando notei que estava grávida. Eu não estava preparada, era muito jovem, com cabeça de adolescente. Hoje é diferente, sou mulher e tenho mais prática. Me arrependo de ter pensado em abortar".

Expondo seus sentimentos Phalaenopsis Branca comenta com uma certa mágoa:

"Minha adolescência acabou, antes eu não tinha com que me preocupar, saía sem rumo e agora sou mãe e as atenções são para ela. Também ela tirou o meu lugar de preferência na família".

Percebe-se uma porção de ciúmes relacionados ao lugar que ocupava antes e a conscientização do seu novo lugar na família.

Essas mulheres encontram-se no período do puerpério, quando se desencadeiam mudanças fisiológicas e psicológicas, levando para a consolidação da relação pais-filho e da rotina do lar, como expõe Maldonado (1997). Relacionando com as condições da maternidade na adolescência, Soifer (1991) e Leff (1997) consideram o alto índice de gestações, nesse período, e a respectiva adequação delas para assumir a função de mãe, salientando os sentimentos que revelam o modo como cada qual trabalha esse processo rumo ao desenvolvimento do vínculo afetivo com seu filho.

Também nesse período, após vividos os momentos de confusão, fadiga e adaptação à nova situação, algumas mães têm a tendência de dedicar-se exclusivamente aos cuidados com o filho, enquanto outras podem passar por fases de tristeza e de depressão. Em outras, ainda, manifesta-se o desejo de crescer para serem aceitas por seus pares e pelos adultos com quem convivem.

Os Planos para o Futuro

A mãe adolescente progride na aproximação com seu filho e a adaptação à posição de mãe. Na abordagem do assunto relativo aos planos para o futuro nota-se um misto de sonhos e desejos de realização.

Até algum tempo atrás, a missão da mulher restringia-se ao lar, às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos. A gravidez, geralmente, a leva a interromper seus estudos, se por eventualidade ocorrer alguma doença típica da gestação, as suas atividades de rotina poderão ser restringidas.

Para Blos (1996), a adolescente tem necessidade de agir. Como enfrentará situações imprevistas? Como se sentirá a jovem tendo que aceitar estas mudanças em sua vida, alterando seus projetos, modificando seus planos para o futuro?.

Segundo Maldonado (1997), a mulher cada vez mais tende a colocar-se no lugar de provedora do lar, principalmente se está sozinha, sem o companheiro, ou se precisa auxiliar na renda familiar.

Assim, Zygopetallum Bordô, ao pensar sobre o que fará no futuro, menciona:

"Parei na 5ª série, não agüentava mais nos últimos dias. Estou pensando em trabalhar, meu marido trabalha (...). Na escola, todas as colegas ficaram bobas, elas me passam a matéria enquanto eu não estiver indo para aula (...). Quero também procurar emprego depois, e vou deixar o bebê com minha tia, eu confio nela".

E Cymbidium Rosa verbaliza que entre seus planos se encontra a retomada dos estudos, entre outros pensamentos:

"Tenho planos de voltar aos estudos e trabalhar. Fiz alguns cursos porque é necessário buscar aprimoramento (...) já me inscrevi em uma agência para fazer estágio, mas estava no 8º mês e estava com 17 anos e a idade mínima é 18. Terminei o 1º grau, fiz um curso de recepcionista no SENAC e quero fazer um curso de computação. Cada vez mais é preciso estudar mais, pois o mercado de trabalho é também exigente".

Com Cymbidium Maravilha as coisas se passam de maneira um pouco diferente:

"Sinto não poder retornar aos estudos, terei que ajudar em casa até construir nossa casa e cuidar das crianças, pois minha mãe também tem a vida dela".

Um objetivo semelhante tem a jovem Cymbidium Vermelho, que só poderá voltar a estudar quando tiver mais idade e seus filhos crescerem e também quer casar para legalizar sua situação.

Catasetum Verde interrompeu os estudos na 7ª série e tem o desejo de continuar:

"Quero me formar, com filho ou sem filho, para dar este orgulho para minha mãe. Ela não teve estudo e por isso quer que os filhos estudem para não precisar limpar chão igual a ela. Não pensei ainda que curso quero fazer, mas tenho muito tempo ainda..."

Os planos de retomar aos estudos fazem parte dos sonhos e aspirações de Phalaenopsis Branca:

"Minha maior aspiração é ir para a Marinha, desde criança tinha essa disposição, esse desejo".

Cymbidium Maravilha teve complicações na gestação e ficou internada três vezes. Seu filho ficou na casa da avó materna enquanto fazia seu tratamento.

Cymbidium Vermelho esteve internada uma vez antes de ganhar o bebê por anemia e infecção do trato urinário. Diz que sentia muita a falta de seus filhos.

"Gosto dos meus filhos, de sentir suas mãozinhas em meu rosto, de manhã, quando me acordam. Sinto sua falta, quando fico longe".

Percebia que as adolescentes entrevistadas, em algum ponto de sua existência, tiveram que interromper seus estudos, e a gravidez foi sua alegação principal.

Algumas tiveram problemas de saúde durante ou ao final da gestação que impossibilitaram a continuidade dos estudos, mas passada essa fase, sentem a necessidade de refletir e planejar suas vidas para o futuro.

Concordando com o pensamento de Ferreira (1995, p. 130).

"O ser humano distingue-se dos outros seres por sua imaginação, pois através dela que pode planejar o futuro e construir uma história. O adolescente tem que aprender a relacionar-se bem com o seu passado e, ao mesmo tempo, não perder de vista as metas futuras".

As Expectativas com a Imagem Corporal

Durante a adolescência, as modificações corporais conduzem a adolescente para uma estruturação de seu "ego corporal", como afirma Aberastury (1992) e, com isso, impelem a jovem a buscar sua identidade e a assumir os papéis correspondentes às mudanças que ocorrem.

Entre as modificações que surgem, há o desenvolvimento dos caracteres sexuais que preparam o corpo masculino e feminino para a procriação, mudando a imagem corporal. O luto pelo corpo infantil exige da adolescente novas pautas de convivência, à medida que o corpo cresce e se diferencia.

Quando, na adolescência, com o organismo ainda em desenvolvimento, sobrevém a gravidez, a jovem enfrentará os transtornos provenientes deste estado de ser. Irão ocorrer mudanças psicológicas concomitantes às corporais.

Leff (1997, p. 16) Ressalta que a gravidez *"é uma experiência exclusivamente feminina, é no espaço interno da mulher que a criança é implantada, é seu corpo que mudará"*.

Catasetum Verde evidência como sentiu suas mudanças corporais:

"Quando engravidei, minha barriga aumentou, mas meu corpo continuou igual, só aumentou a barriga na frente".

Para Cymbidium Vermelho perceber as alterações no corpo a fizeram pensar que não voltaria mais ao normal:

"Logo ao engravidar pela 1ª vez pensei que iria ficar feia e deformada, gorda. Olhava no espelho e imaginava como poderia ficar. Depois do terceiro filho tenho algumas estrias, mas volto ao normal após ganhar os bebês".

Igual reação foi manifestada por Zygotetallum Bordô quando expressou:

"Fui me sentindo gorda, no começo eu olhava a barriga no espelho, enquanto era pequena ainda, depois tirei foto. Por último, não me olhei mais. Quero me cuidar, colocar uma roupa firme, não comer muito (...)".

Zygotetallum fala em cuidar-se, pois tem tendência para engordar, estas impressões são confirmadas pela citação de Maldonado (1997, p. 47):

"Um dos temores mais universais da gravidez está associado às alterações do esquema corporal , o medo da irreversibilidade, a dificuldade de acreditar que as várias partes do corpo, assim como têm a capacidade de ampliar-se para fazer adaptações necessárias, no decorrer da gravidez e parto, têm a mesma capacidade de voltar ao estado anterior à gravidez".

Ainda descrito pelo autor, a mulher grávida sente-se reconfortada quando sente que seu companheiro se orgulha do seu estado e das suas modificações na imagem corporal e quando isto não é vivido pela mulher, a mesma pode sentir-se feia, até um "monstro", à medida que a gravidez progride.

Phalaenopsis é um tanto tímida; em poucas palavras e sorrindo, consegue dizer os seus sentimentos e expectativas sobre o seu corpo:

"Percebi que à medida que a gravidez avançava, eu ia ficando enorme. Sempre fui magra e acho que retornarei ao normal em seguida".

O momento do parto acarreta mudanças bruscas. A partir deste evento a jovem terá que enfrentar e compreender que o filho é um ser diferenciado dela, mas totalmente dependente dos seus cuidados. Par mim significa "um estar juntos mas separados".

Na imaginação da adolescente está o medo do parto, e muitas questões vem à tona relacionados com as mudanças corporais próprias da gravidez.

Meu parto será normal? E meu filho? Terá alguma deformidade? Sentirei dor? Como ficará meu corpo após o parto?.

Lembra Phalaenopsis que nos momentos antes do parto sentiu muitas dores, mas passaram quando foi feita a anestesia. Ela diz:

"Meu parto foi por cesariana, porque a placenta estava se soltando, tive sangramento quando vieram as dores, tive muito medo de não voltar ao normal".

Diferentes sensações povoavam a mente e o corpo de Cymbidium Rosa que teve um segundo filho de uma gravidez indesejada:

"Meu primeiro filho foi planejado; quando ele nasceu fiquei emocionada, chorei muito quando o vi de perto (...), nesta gravidez, ao entrar em trabalho de parto, só ficou a dor e o desejo de que ela nascesse logo para terminar o sofrimento. Não pensei em como ficaria meu corpo nesse momento".

Catasetum Verde conta que seu parto foi normal, não sentiu dor para ganhar, conseguiu ver o bebê e depois adormeceu.

Luz (1999) aponta, no seu convívio com adolescentes, o quanto significativa é a preocupação com o corpo, geralmente as jovens questionam sobre o retomo ao corpo anterior à gravidez, tem dúvidas e curiosidades sobre os sinais que acompanham o

puerpério e que de uma hora para outra se fazem presentes no seu corpo. A involução uterina, aspectos relacionados ao sangramento uterino, a sutura do períneo no parto normal ou da ferida operatória nas cesarianas são dúvidas que envolvem a imagem corporal.

4. FATORES EDUCACIONAIS E A MATERNIDADE RESPONSÁVEL

A adolescência é esperada pelos pais como uma época temida, chamada até de "aborrecência" por alguns, e de tamanha chateação e problemas para outros. Detém-se nestes preconceitos e esquecem o quanto é importante o diálogo e o respeito entre pais e filhos.

Nos encontros com as mães adolescentes eu sentia-me próxima e aberta para compreender o seu mundo vivido e a maneira como se desencadeia o processo da maternidade.

As vivências das jovens são audaciosas, sem limites muitas vezes e impregnadas de sentimentos. No entanto, necessitam de orientações para a vida, incluindo noções de valores de formação de caráter e informações sobre sexualidade, gravidez, drogas, entre outras. O objetivo desse apoio é conscientizá-las para a aprendizagem de atitudes e comportamentos saudáveis.

No caso da investigação, também se pode colocar a educação para a maternidade responsável, que implica poder de escolha e planejamento de um filho e a formação de uma nova família.

As dimensões que fazem parte dessa essência abordam o desconhecimento do uso adequado dos métodos contraceptivos, as suas habilidades como cuidadora de seu filho e a probabilidade de reincidência da gravidez, dentro do período de sua adolescência.

Conhecimento do Uso Adequado dos Métodos Contraceptivos

No transcorrer das entrevistas comprovou-se um desconhecimento do uso adequado dos métodos de anticoncepção. Os jovens, bem como muitos adultos estão desatualizados e mal informados sobre esses métodos. E é o que foi constatado nas expressões das entrevistadas.

Como diz Luz (1999), a mulher ainda continua a ser preparada para a vida doméstica e, principalmente, para a maternidade. A sociedade em que vive, os valores e costumes familiares a conduzem para o papel tipicamente feminino.

Decorrentes de suas vivências, as adolescentes nos trazem o que pensam sobre a prevenção da gravidez e sua aprendizagem neste campo.

Catasetum Verde e Phalaenopsis Branca afirmam que a gravidez aconteceu por descuido das duas partes, pois assim como Zygotetallum Bordô não seguiam nenhum método contraceptivo durante o seu relacionamento sexual.

Cymbidium Maravilha, na primeira gravidez, foi estuprada e, depois, "juntou-se" com seu companheiro; suas palavras nos dão a noção de como aconteceu a segunda gestação.

"Quando nos conhecemos eu ainda estava amamentando o meu filho, usamos preservativo por algum tempo, pois eu queria continuar amamentando e me disseram que se usasse remédio secaria o leite. Ficamos, assim, dois meses e depois ele pediu para não usar mais, que era sem graça e como eu já confiava nele, ele ficou de tirar antes de gozar e aí eu engravidei".

Cymbidium Maravilha se baseia na confiança para evitar a gravidez, usando, como referência, a convivência de 2 meses. A questão de temporalidade se mostra, imprecisa como diz Aberastury (1992), pois a adolescente tem uma noção de tempo alterada; ao falar sobre uma semana, isto pode representar para ela uma eternidade.

A desinformação também está presente ao ser utilizado um recurso que não oferece segurança para a anticoncepção, como o coito interrompido.

A mesma jovem solicita orientação para evitar outra gravidez uma vez que agora tem dois filhos, no que foi atendida por mim.

Cymbidium Vermelho engravidou pela primeira vez aos 14 anos e agora, com 17 anos, tem quatro filhos:

“Engravidei tomando remédio para não engravidar, tomava as pílulas descontroladamente, após o nascimento do segundo filho faltou dinheiro para comprar e no posto estava em falta, usei preservativos e acabei engravidando novamente. Pretendo colocar o DIU, pois com quatro filhos é o bastante para poder cuidar e satisfazer suas necessidades”.

Na escola, Cymbidium Vermelho teve apoio e ensinamentos sobre como evitar a gravidez, mas já estava grávida do primeiro filho e diz que não imaginava ter tantos.

A necessidade de orientação está nas falas de cada adolescente, Cymbidium Rosa pensa:

“Necessito de orientação quanto ao método para anticoncepção mais adequado. Esqueço de tomar as pílulas e não quero engravidar, pois devo me dedicar aos meus dois filhos”.

Com relação aos impulsos próprios da sexualidade da adolescente Cymbidium Maravilha fala sobre o que pensa o seu marido da possibilidade de uma nova gravidez:

“Meu marido não quer ter filho tão cedo, os tempos são difíceis. Sei que ele é jovem e o controle dos hormônios é algo complicado, não sei se não vou engravidar novamente”.

A questão hormonal é muito forte no pensamento de Cymbidium Maravilha e deixa dúvidas se ela irá participar no planejamento familiar, junto com seu marido, pois em sua colocação não demonstra convicção.

Como foi visto nos seus relatos, a liberação sexual deixa aberto o caminho para que as adolescentes experimentem o sexo cada vez mais precocemente, virgindade não é uma "obrigação" mas uma opção. Devido a esse movimento, a jovem inicia cedo sua vida sexual e engravida de maneira não planejada, embora tenha acesso aos métodos para anticoncepção, sem, contudo, conhecê-los e usá-los adequadamente.

Comenta Luz (1999) que as adolescentes, embora possam conhecer os métodos anticoncepcionais, engravidam por negar ou não acreditar que possam ser mães e, desta forma, não os utilizam de forma adequada para testarem sua capacidade reprodutiva.

Conforme coloca Zagury (1999) os jovens têm informação sobre sexo, porém nem sempre sabem tudo o que precisam saber. Eles pensam que nada irá lhes acontecer no que diz respeito à gravidez e a doenças sexualmente transmissíveis. São capazes de acreditar que "esquecer a pílula só um ou dois dias não dá problemas" ou que "tirar antes de gozar não dá nada" e por aí adiante. O resultado é a gravidez.

Quando lhes é ensinada a responsabilidade com o seu próprio corpo e o do outro, aliada ao respeito e amor, entra também a orientação para o sexo seguro.

Diz ainda Zagury (1999, p.24) que:

“a certeza da impunidade e da superproteção, por parte dos pais, constitui um alto estímulo para o agir incoseqüentemente. Marcar posição não garante cem por cento de certezas, mas pode diminuir em muito a chance do problema ocorrer. A maternidade e a responsabilidade de nossos filhos estão diretamente ligadas à nossa. A nossa responsabilidade consiste em informar quais serão as posturas e obrigações de cada um”.

Aos pais, como pessoas-chave da família, cabe ter um diálogo franco com seus filhos, passando-lhes os valores, as obrigações e direitos frente à vida e a liberdade com responsabilidade e autonomia.

Amamentação e Habilidades no Cuidado com o Filho

Apesar das dificuldades frente a uma situação desconhecida, a adolescente, ao iniciar-se nos cuidados ao bebê, aprende com muita facilidade os ensinamentos recebidos, fato que eu percebia no dia a dia no meu trabalho, quando orientava puérperas para o seu auto-cuidado e o do seu filho. As mulheres mais jovens são geralmente menos resistentes às orientações, pois estão sedentas por ajuda e se dedicam a adquirir as habilidades que irão torná-las aptas a cuidar do seu filho.

Na sua vivência da maternidade, as mães adolescentes precisam adaptar-se aos papéis solicitados pela comunidade em que vivem, serem capazes de cuidar de si e do filho e também junto com o companheiro, administrar o seu novo lar.

Muitas vezes, como foi colocado nas entrevistas, o casal passa a morar junto com os pais até adquirir a sua própria casa e isto pode ser um fator gerador de conflitos e que irá interferir nos cuidados a serem dispensados ao bebê e a sua adaptação na família, uma vez que sua intimidade fica prejudicada e pode haver interferências em demasia por parte do restante da família.

A mãe adolescente, logo após o parto, desenvolve junto com o filho, interações completas que ajudam a aproximá-los. Klaus e Kennel (1993, p. 59) afirmam que *"este período, durante o qual o apego dos pais ao bebê floresce"*, é chamado de período sensitivo materno.

Após estabelecer-se o vínculo inicial mãe-filho-pai, a família torna-se mais consistente e capaz de solucionar os problemas inerentes da própria vida.

Retomando o que nos foi dito pelas entrevistadas; Zygopetallum Bordô ilustra o início de sua vida a dois e a inclusão do bebê na pequena família:

"É uma nova família que entrou na minha vida. Ainda não temos nossa casa, moramos juntos na casa da minha sogra, mas eu não dava certo com ela. Não tenho minha casa. Então ele propôs que fossemos para a casa da minha mãe".

Dentre os cuidados a serem prestados ao filho a nova mãe é responsável por sua alimentação e o leite materno é o alimento ideal para o recém-nascido porque além do benefício fisiológico são considerados os aspectos psicológicos do contato para

mãe e filho. O pai como pessoa integrante da família pode participar destes momentos auxiliando a companheira durante a amamentação oferecendo-se para acomodá-la em posição confortável e acariciando o bebê enquanto mama.

Para ser amamentado, Whaley & Wong (1997) colocam a importância do bebê estar intimamente próximo a sua mãe, de quem poderá usufruir o calor, o cheiro da pele, o som familiar dos batimentos cardíacos e o contato pele com pele. A mãe irá tocar e acariciá-lo e sentir que está alimentando o seu filho com o seu leite e estimulando-o para a vida, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento.

Para Montagu (1988, p.82).

"Os benefícios psicológicos que mãe e criança, a dupla da amamentação, conferem reciprocamente um ao outro, no prosseguimento de um relacionamento simbiótico, são de importância vital para o seu futuro desenvolvimento".

Zygopetallum referindo-se à amamentação:

"Já amamentei meu bebê, não conseguia me ver desse jeito, sinto-me meio esquisita, não imaginava, eu pensava já na gravidez. Agora é uma nova fase, pensar que o bebê depende de mim. Pretendo amamentar no mínimo até o 6º mês e depois, até quando ele quiser".

Observei a interação dela com o bebê durante a amamentação, o carinho quando o tocava e a troca de olhares entre ambos. Enquanto isso ela falava com o bebê. Elogiava o seu tamanho, pois pesou 4.800 gramas e por isso seu parto foi por cesariana.

Cymbidium Rosa estava preocupada porque seu bebê ainda não havia mamado e desabafa:

"Preocupe-me com o fato dela não querer mamar, mas lembro que o menino demorou 24 horas para mamar. Fico angustiada, apesar de ter sido orientada, pois tenho leite e ela ainda não sugou. Desejo amamentá-la por um bom tempo. O meu primeiro filho mamou até três meses, quando o coloquei na creche para continuar meus estudos. Eu dei mamadeira e ele não quis mais o peito"

Nas primeiras semanas o bebê não segue um ritmo único para as mamadas, alguns bebês, logo ao nascer, estão despertos, momento que deve ser aproveitado, pela equipe, para estimular a aproximação mãe - filho e favorecer a primeira mamada. Depois desse período, a mãe e o bebê necessitam de repouso, devido ao trabalho de parto.

Aproveitando a entrevista e o espaço que se formou foram dadas às orientações para Cymbidium Rosa, as quais abordaram as reservas nutricionais que o bebê traz consigo, após o nascimento, e que o mantêm alimentado por três ou quatro dias. Esta informação é importante para os pais e em especial para a mãe, de modo a tranquilizá-la até que o seu organismo inicie o processo da lactação.

Cymbidium Maravilha ressalta que passou muito rápida a sua gravidez e agora quer amamentar a segunda filha *"até quando ela quiser, já que é um pouco prematura"*.

Concordando com as demais, Phalaenopsis Branca também quer amamentar por tempo indefinido.

"Amamentarei minha filha até que tiver leite e quando voltar para o colégio irei tirar para deixar em casa, pois tenho bastante leite".

E Cymbidium Vermelho:

"Sempre assumi meus filhos, levava para o hospital quando ficavam doentes e ficava acordada se tinham febre. Amamentei o primeiro filho e o segundo por cerca de 20 dias, voltei para o colégio e minha mãe deu mamadeira".

Confirma-se que o uso de mamadeira para crianças amamentadas ao seio é fator de risco para o prosseguimento do aleitamento materno, pois a criança faz confusão de bico e acaba preferindo a mamadeira, que exige menor esforço para sugar.

A mesma adolescente, além de preocupar-se com a amamentação, demonstrou ficar feliz ao conseguir dar conta das tarefas de casa com autonomia e relata sua vivência:

"Uma vez minha mãe precisou sair e fiquei sozinha. Para minha surpresa consegui dar conta das crianças e das tarefas de casa, isto me deixou mais segura".

Com a expressão tristonha, Catasetum Verde, que sofre com a morte violenta do namorado, deseja amamentar:

"Penso na minha filha, quero amamentá-la, ganhei de parto normal e aos 8 meses de gestação. Ela é um pouco preguiçosa para mamar. Penso em criar minha filha e a minha mãe diz que vai me ajudar. Ela considera o bebê como sua princesinha".

Cymbidium Vermelho quer amamentar por mais tempo dessa vez, tem um mamilo pouco protuso, ou seja, pouco saliente e recebeu auxílio e informação na maternidade e diz que irá seguir as orientações recebidas.

As mães adolescentes têm uma grande disponibilidade para aprender e executar o auto-cuidado consigo mesma e com seu filho, mas necessitam ser bem orientadas com informações claras e com afeto, de modo que se sintam seguras nessa nova caminhada.

Às vezes, nas primeiras horas do puerpério, elas ainda não conseguem assimilar com propriedade tudo o que está sucedendo; podem ficar um pouco confusas e até mostrar-se distantes ou desinteressadas. Demonstrar paciência e compreensão são papéis dos membros da equipe multidisciplinar.

Recorrência da Gravidez na Adolescência

Para Whaley & Wong (1999) a adolescência é o período para consolidação de uma identidade e do papel sexual. A cada ano se comprova uma maior proporção de adolescentes que passam pela experiência sexual e, em consequência, engravidam precocemente.

As adolescentes envolvem-se em relações sexuais para obter sensações agradáveis através da troca de carícias e demonstrações de afeto. Entretanto em outros casos procuram o sexo por curiosidade, para testar a capacidade de conquista. Enfim, muitas são as razões que impelem a jovem para a experiência sexual.

Conforme afirma Zagury (1999) as adolescentes, mesmo diante de todas as informações, engravidam cada vez mais, aumentando as estatísticas que giram em torno de um milhão de jovens adolescentes por ano que chegam a dar a luz.

Muitas vezes o diálogo entre mãe e filhas não flui facilmente. As filhas ficam desconfiadas, preferem conversar mais com "amigas" do que com seus pais, para ter as orientações e respostas para suas dúvidas, que podem vir carregadas de mitos ou idéias fantasiosas que não ajudam e, em alguns casos, até atrapalham ou criam sérios problemas.

Na investigação com seis adolescentes entrevistadas, verifiquei que três delas são mães pela primeira vez e as outras têm dois filhos ou mais, constatando-se que a reincidência da gravidez na adolescência também vem aumentando. Por reincidência entende-se a recidiva ou a repetição de determinado fato, ou seja, a gravidez poderá acontecer várias vezes em uma adolescente, ainda dentro desse período de desenvolvimento.

Nóbrega (1987) confirma esta colocação, quando diz que fatores determinantes continuam influenciando e, portanto, as adolescentes têm grande chance de reincidência na gravidez.

Cymbidium Vermelho, 17 anos e mãe de quatro filhos refere-se às suas crianças:

" Sempre gostei de crianças, mas não pretendia ter tantos assim tão cedo".

Cymbidium Rosa, 16 anos e mãe de dois filhos diz que sua gravidez foi um ato de irresponsabilidade, o que motivou um sentimento de rejeição, não utilizava nenhum método contraceptivo.

"Ao vê-la, percebi que a amava mesmo tendo-a rejeitado durante a gravidez. Percebo que é um pedaço de mim. Examinei seu corpo para ver se tudo era normal, para satisfazer as curiosidades de mãe, não consigo tomar pílulas e por isso engraidei".

Também Cymbidium Rosa preocupa-se com a orientação a ser fornecida para seus filhos e verbaliza da seguinte forma:

"Terei que orientar sobre os métodos anticoncepcionais, e não a julgarei se optar por casar jovem desde que esteja convicta do que quer e tem que haver amor. Saber que é a pessoa certa e que não a abandonará depois. Sinto esta preocupação apesar de serem bebês".

A adolescente tem o sonho de encontrar a pessoa certa e entrega-se ao calor da paixão, Cymbidium Rosa expressa o seu receio de ser abandonada após um relacionamento amoroso.

Para Cymbidium Maravilha, a segunda gravidez foi tranqüila, apesar de não planejada. Sentiu apoio do seu marido que a "aceitou" e "assumiu" mãe e filha e o filho que ela tinha antes, resultado de um estupro.

Os depoimentos das jovens que são mães novamente dentro do período da adolescência deixa clara a necessidade de apoio e afeto para fortalecer a sua auto-estima e levarem adiante a tarefa de ser mãe.

Em pesquisas realizadas por acadêmicas de Enfermagem na Disciplina da Saúde da Mulher, a qual ministro, verifica-se que algumas mulheres sentem-se compelidas a engravidar para presentear os seus companheiros ou para testar a sua capacidade reprodutiva. Então, na maioria das vezes, ao assumir um novo relacionamento, pode haver uma nova gravidez.

Uma gravidez repetida, na adolescência, pode acarretar danos à integridade da mulher, tanto física como psicológica, pois seu organismo não está adequadamente maduro embora possa parecer-se com um corpo de adulto externamente. Há maior probabilidade de patologias próprias da gestação como já se viu em outra dimensão e Nóbrega (1987) também confirma este dado.

Ao término do trabalho posso ter consciência de que a preocupação consiste em adaptar os achados da pesquisa à minha prática, para que eu possa chegar a fatos concretos que minimizem os problemas que surgem com uma gravidez na adolescência.

Os fatores educacionais emergem com muita importância dentro da prevenção da gravidez na adolescência, pois é valioso o papel da escola, dos docentes que convivem com jovens e que podem participar ativamente nas orientações sobre a sexualidade e responsabilidade com o corpo, bem como, incentivar os pais a conversar e aproximar-se de seus filhos passando a eles o seu legado de experiências, e troca de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar um tema tão fascinante como a adolescência e a maternidade, aprendi muito com as jovens entrevistadas. Trilhar o seu mundo mágico foi uma oportunidade ímpar. Em momentos vivenciados durante os nossos encontros, pude relembrar o meu tempo de adolescente, cheio de dúvidas, incertezas e curiosidades, com períodos alegres e outros tristes.

A Fenomenologia possibilitou-me um novo olhar sobre as "coisas". Passei a compreender o mundo de uma maneira mais clara e objetiva. Também aprendi que receitas prontas não existem, mas vidas repletas de surpresas em busca de sua plenitude.

Assumir a maternidade pela adolescente, considerando as dificuldades no primeiro momento referentes à aceitação dos pais do companheiro e do meio em que as adolescentes se relacionam, deixa nas jovens uma sensação de algo imutável que deve ser aceito. A culpa sentida é verbalizada ou fica nas entrelinhas enquanto aguarda a vinda de um bebê não planejado, fato que aparece em suas falas com uma carga de remorso e resignação.

O estabelecimento do vínculo é gradativo, elas precisam aprender e adaptar-se ao novo papel - o de mãe - e aceitar e conhecer o filho. Necessitam ter um tempo para assumir a responsabilidade no cuidado com o bebê e adquirir a determinação que as impulsiona a seguir em frente.

Também se evidencia a convicção de não fazer o aborto, mas a rejeição pode estar presente em boa parte da gestação, ao longo da qual, a mãe adolescente

consegue reintegrar os aspectos biológicos e psicológicos para a aceitação e amorização do filho esperado. Isto é fortalecido quando pode ver e tocar o bebê.

Em outras vezes a rejeição persiste e leva a adolescente a praticar o aborto ou deixar o filho em adoção. Os pais geralmente assumem o cuidado com os netos juntamente com as filhas e muitas vezes o próprio papel de pais substitutos,

As dificuldades dos pais para tratar de assuntos sobre a sua própria sexualidade se repete no diálogo com seus filhos. Observou-se, no transcorrer da investigação, que não apareceram relatos sobre as orientações, por parte dos pais, quanto à sexualidade, os meios contraceptivos e o assumir-se como mulher nos relacionamentos com o sexo oposto. E as adolescentes verbalizaram que talvez fosse diferente se houvesse o diálogo aberto e claro entre mãe e filha. O pai deveria entrar na questão, pois poderia trazer para a filha a sua experiência, enquanto homem, e o manejo de algumas situações relacionadas com o lado masculino.

As ajudas e modelos seriam úteis no processo de construção da identidade e para que elas entendam as mudanças que estão ocorrendo em seu corpo e mente, para, dessa forma, elaborarem os seus **projetos de vida**.

A mãe adolescente percebe as mudanças na sua imagem corporal de maneira marcante, em todo o processo da gestação e puerpério.

A ajuda poderá vir da orientação da família, levando-as a aceitar e aguardar as alterações com naturalidade e superá-las de forma saudável. Quando o companheiro permanece junto com a adolescente, deverá apoiá-la e fortalecer sua auto-estima, através do incentivo e afeto.

A respeito dos vínculos e **relacionamentos familiares e afetivos** as entrevistadas demonstraram que é muito significativo o apoio da família nessa fase em que se encontram como adolescentes e assumindo o cuidado com o filho.

O apoio e a aceitação da gravidez pelo companheiro e pela família toma a caminhada menos tortuosa, pois sabem que dispõem do auxílio e afeto das pessoas que lhes são caras.

Sendo a adolescência uma espécie de preparação para assumir o papel de adulto, as jovens buscam uma pessoa mais próxima, geralmente sua mãe, como referencial para a construção de sua própria imaginação.

As orientações recebidas das mães substitutas, no caso as avós, se restringem ao cuidado da criança e às tarefas domésticas, ensinando-as a tornarem-se mães e esposas.

A adolescente, no entanto, volta-se para outras atividades quer seja o estudo ou o trabalho, partindo em busca do exercício da cidadania e da autonomia.

Os profissionais que integram a equipe prestadora dos cuidados às adolescentes, durante a gestação, parto e puerpério, precisam estar atentos e atualizados sobre as questões que as envolvem e se fazem fortemente presentes neste momento de vida. Estar junto significa compreendê-las em suas dificuldades e colocar à sua disposição os recursos necessários para o bem-estar físico e psicológico.

É preciso lembrar que a pessoa humana, conforme Fernando Pessoa, em Empinotti (1994): *"é uma existência à procura de sua essência"*.

A jovem adolescente procura valores, está cheia de sonhos e de desejos de aventuras. Em alguns momentos, abraça o mundo e em outros, desiste da vida.

A recorrência da gravidez no período da adolescência é outro ponto significativo. O desconhecimento de seu corpo, os fatores emocionais e influências do ambiente e dos grupos de amigos somados ao pouco esclarecimento sobre a utilização correta dos métodos anticoncepcionais podem predispor a jovem para outras gestações ainda enquanto adolescente.

Nóbrega (1987) reforça que é imprescindível favorecer motivação para novos objetivos, tanto educacionais como profissionais, associados à informação e acesso aos métodos contraceptivos que permita um comportamento sexual seguro e protegido.

É necessário desfazer o binômio gravidez e adolescências caso contrário os fatores determinantes continuarão influenciando e a possibilidade de recorrência continuará aumentando.

Associadas à gravidez temos as doenças que poderão afetar as adolescentes em decorrência da falta de preparo do organismo, ainda em formação, como anemias, infecções do trato urinário, hipertensão e predisposição para parto prematuro, entre outras. As complicações do parto tendem a acometer meninas com menos de 15 anos e são piores nas menores de 13 anos. Sendo a taxa de mortalidade duas vezes maior que na mulher adulta.

Os profissionais que se dedicam a cuidar das jovens precisam aprender a conviver com as incertezas, permitir o exercício da autonomia com limites, a assumir o desafio e a transitoriedade da adolescência e o compromisso de serem educadores. A melhor forma de trabalhar este fato é falar abertamente sobre o assunto com a jovem procurando compreendê-la e orientá-la conforme a situação.

Para se ter uma noção em dados numéricos da situação da adolescente em relação à gravidez constata-se que em 1999, segundo o Ministério da Saúde, foram realizados 700.000 partos, sendo que de cada cinco, um era adolescente com menos de 19 anos, e a população cresceu 42,5%. O parto é a principal causa de internação de meninas entre 10 e 14 anos.

O medo da gravidez na adolescência pode levar à prática do aborto como maneira de livrar-se do problema. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)

em 1999, dos 4 milhões de abortos praticados por ano no Brasil, 1 milhão ocorre em adolescentes. O aborto pode deixar seqüelas como a esterilidade e até mesmo provocar a morte da mulher.

A disposição para gerar e criar filhos e repassar os valores às novas gerações são fatores preponderantes para uma paternidade e maternidade responsáveis.

A educação dos adolescentes precisa ter respaldo da família, da sociedade e da escola a qual, deve assumir esse compromisso com criatividade e responsabilidade e adequar as práticas pedagógicas às necessidades da sua clientela.

A escola é o local propício para a educação sexual, para discutir a sexualidade e mostrar as outras formas de relacionamento afetivo a serem experienciadas pelas jovens, atuando, assim, em um aspecto preventivo.

Penso ser esse um ambiente propício de ensino; que deve ser estimulado, e utilizado de maneira esclarecedora, incentivando o diálogo, a troca de idéias sobre sexualidade, seus tabus e os métodos de contracepção, bem como a valorização do ser humano como pessoa responsável por seus atos.

Essas questões devem ter a colaboração dos pais, que devem estar preparados sobre este assunto, possibilitando a relação de ajuda e orientação para com os seus filhos.

Então sugiro que, como facilitadores desse processo, possamos:

- ✓ estimular os pais à convivência com seus filhos e à avaliação das relações familiares, favorecendo um ambiente confiável. Então os filhos se sentirão à vontade para trocar experiências, esclarecer dúvidas sobre questões relacionadas à sexualidade.
-

- ✓ oferecer atividades de lazer, como alternativa para o desenvolvimento do lado lúdico e esportivo do adolescente.
- ✓ organizar um trabalho integrado da equipe multidisciplinar em saúde, para a assistência integral à gestante adolescente.
- ✓ elaborar projetos que visem a profissionalização da adolescente, para que ela possa se manter e também sustentar seu filho.
- ✓ oferecer atendimento psicológico e de enfermagem, utilizar a interconsulta em nível ambulatorial, para auxiliar a adolescente a reconstruir a auto-estima, conquistar a identidade e resgatar a cidadania.

Este trabalho irá além do atendimento pré-natal, proporcionando participação em grupos psicopedagógicos com orientação sobre a maneira de evitar a recorrência da gravidez na adolescência, noções de conhecimento do seu próprio corpo e cuidados com o filho após o nascimento.

Ao iniciar minha pesquisa fazia idéia de que a jovem adolescente não tivesse noção de responsabilidade, agindo inconseqüentemente ao engravidar e por saber que seus pais de certo modo iriam assumir os cuidados com a criança. Contudo ao compreender as histórias de vida dessas meninas percebi que, na maioria das vezes, as adolescentes põem a prova suas condições de reprodução procurando testar a si mesmas, na sua capacidade de gerar um novo ser e aprender a cuidar dele depois.

Concluindo, as adolescentes grávidas necessitam de apoio nessa fase da vida. A gravidez altera o seu mundo ainda em construção, deixando a impressão de poucas alternativas. As equipes de profissionais que atendem esta população precisam estar atentas para implementar ações que contemplem as necessidades e expectativas das

jovens, permitindo e incentivando o seu desabrochar como pessoas e cidadãos de nossa sociedade.

Destaco de forma esquemática o resultado da pesquisa sobre o Significado da Maternidade na Adolescência com o propósito de ilustrar os pontos - chaves levantados até o presente momento, enfatizando os sentimentos, conflitos, a formação do vínculo mãe-filho-pai e as relações familiares decorrentes dessa mudança de status da adolescente. Também implicados estão a imagem corporal juntamente com a responsabilidade de cuidar e alimentar um novo ser, e a necessidade de envolver-se e aprender com o processo de amamentação e outros conhecimentos que serão agregados na prática do dia a dia. Os projetos de vida continuarão a ser modificados para adequar-se à nova fase da sua existência. Fatores educacionais que precisam ser reforçados nessa etapa contribuirão intensamente para o aprendizado e o fortalecimento de sua identidade, bem como, para os seus valores e escolhas que porventura terão de fazer.

O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

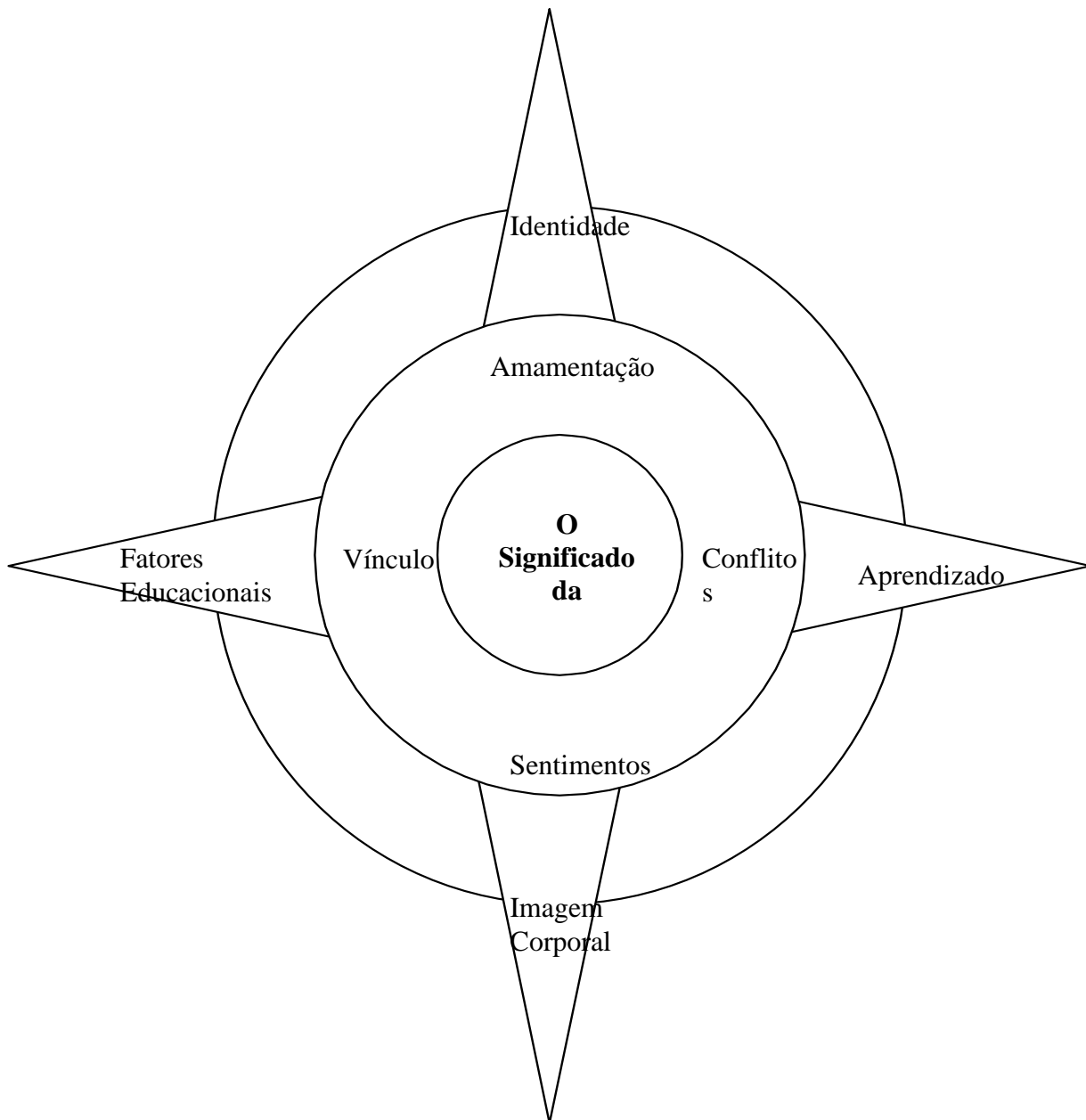


Figura 8 - O Significado da Maternidade na Adolescência (Fonte : da autora)

Ressalto que o significado da Maternidade na Adolescência dirige-se:

Às mães adolescentes – pois mesmo vivendo um momento de transição no seu ciclo vital, com os sentimentos, conflitos e relacionamentos característicos dessa fase procuram enfrentar e assumir, cada qual a sua maneira, uma gravidez e também assumir a maternidade. Alteram seus projetos de vida, adaptam-se a nova imagem corporal e à responsabilidade com o filho.

Aos familiares – os pais que nesse contexto são fundamentais tanto para prevenção, quanto no apoio nas fases que irão se apresentar para a filha.

Aos cuidadores / educadores – os quais juntamente com os pais, podem participar do cuidado a estas jovens, apoiando-as e orientando-as, tendo sempre em mente que ao cuidar temos implícito um ato educativo e por isso a importância da inter-relação com a família. Ensinar a utilizar os recursos disponíveis e que possam conduzir a jovem a uma vida sadia e produtiva para ser uma pessoa mais feliz.

À sociedade – esta precisa tomar consciência do que se passa com os adolescentes em geral, porquanto a gravidez é responsabilidade do homem e mulher. As ações para interromper o elo entre a gravidez e a adolescência necessitam ter apoio da sociedade e estas vinculadas às políticas de saúde que regulamentam os serviços prestadores da assistência ao adolescente com o objetivo de oferecer programas efetivos que venham de acordo com as características de seus clientes.

O auxílio à adolescente deve vir antes da gravidez ocorrer, é preciso fechar os pontos críticos e atuar para diminuir a ocorrência entre as jovens, interrompendo assim, o ciclo adolescência e gravidez e possibilitando que o jovem usufrua de sua juventude o máximo possível, de forma saudável, tendo sua dignidade preservada e que possa realizar os seus sonhos, gradativamente, ao mesmo tempo que amadurece para, no seu tempo, realizar-se profissionalmente e constituir uma família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AANTOOS, C. M. **The structure of thinking in chess**. Playng In Phenomenology and Psychological Research. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985.
- ABERASTURY, A. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1992.
- ASSUMPCÃO, M. L. **Estruturação da Entrevista Psicológica**. São Paulo: Atlas, 1977.
- BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BERTRAND, Y.; VALOIS, P. **Paradigmas Educacionais; Escola e Sociedades**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- BLOS, P. **Transição Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRAZELTON, T. B. **O Desenvolvimento do Apego : uma Família em Formação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8 069 /1990, CAPALBO, C. **Fenomenologia e Ciências Humanas; Uma Nova Dimensão em Antropologia, História e Psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1973.
- CARNEY, M. M. **Competência Afetiva: Uma Introdução Geral**. Laboratório do Pós- Graduação em Educação PUCRS. Porto Alegre, 1976.
- CARVALHO, A. S. **Metodologia da Entrevista; Uma Abordagem Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- COMIOTTO, M. S. **Fenomenologia e Psicologia**. In. **Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais**. Rio de Janeiro: ANPES e BCISS, ano I, n. 1, p, 83-93, 1990.
- _____. **Adultos Médios: Sentimentos e Trajetória de Vida. Estudo Fenomenológico e Proposta de Auto – Educação**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Educação). Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre: 1992.
-

EMPINOTTI, M. **As Novas Lideranças a Serviço da Comunidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992.

_____. **Os Valores a Serviço da Pessoa Humana**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

ENDERLE, C. **Psicologia do Desenvolvimento: O processo Evolutivo da Criança**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1990.

ENGERS, M. E. A. **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação - Notas para reflexão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FERREIRA, B. W. **O Cotidiano do Adolescente** .Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FRANCO, J.; RODRIGUES, M. G.; DIONÍSIO, M. J. **Adolescência e a Gravidez - Um Estudo Fenomenológico**. Revista de Psiquiatria Conciliar e de Ligação. Porto: v. 4, n.1, p. 33-39, 1998.

FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Edart, 1978.

FRISON, L. M. B. **Percorrendo os Caminhos na Construção da Sexualidade do Adolescente; Significado do Mundo Vivido**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da PUCRS. Porto Alegre:2000.

GIORGI, A. **Phenomenological Method as a Qualitative Research Procedure**. In: Journal of Phenomenological Psychology. Oakland, n. 28, ano 02, p. 248-55, 1997.

_____. **Sketch of a Psychological Phenomenological Method**. In: Phenomenology of Psychological Research. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1987.

KLAUS & KENNEL. **Maternal - Infant Bonding: The Impact of Early Separation or Loss on Family Development**. Saint Louis: Mosby, 1976.

_____. **Pais – Bebês: a Formação do Apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LANGER, M., **Maternidade e Sexo**. 2. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LEBOVICI, V. **O Bebê , a Mãe e o Psicanalista: A Constituição do Elo entre a Mãe e o Recém- Nascido**. Porto Alegre: Artes Médicas,1988.

LEFF, J. R. **Gravidez: a História Interior**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÂNIO, J. B.; OLIVEIRA, P. R. F. de. **A Vida e a Morte: Desafios e Mistérios**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LUZ, A. M. H. **Mulher Adolescente: Sexualidade, Gravidez e Maternidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LYOTARD, J. F. **A Fenomenologia**. Lisboa Edições 70, 1986.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez**. São Paulo: Saraiva, 1997.

_____. **Nós Estamos Grávidos**. São Paulo: Saraiva, 1997.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia de La Percepción**. 1. ed., Barcelona: Península, 1975.

MEYER, D. E.; WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. **Marcas da Diversidade: Saberes e Fazeres da Enfermagem Contemporânea**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MONTAGU, A. **Tocar: O Significado Humano da Pele**. 6. ed., São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MOSQUERA, J. J. M. **Vida Adulta: Personalidade e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

MORAES, R. **Fenomenologia: Uma Introdução**. In: Educação. Porto Alegre - ano XV, n. 24, p.15-24, 1993.

MOTTA, M. da G.C. da. **O Ser Doente no Tríplice Mundo da Criança, Família e Hospital: Uma Descrição Fenômeno lógica das Mudanças Existenciais**. Florianópolis: Universal UFPED e UFSC, 1998.

MOTTA, V.T.; HESSELN, L. G.; GIALDI,S. **Normas Técnicas para Apresentação de Trabalhos Científicos**. 2. ed. Ver. atual. e aum. Porto Alegre: Editora Médica Missau, 2001.

NÓBREGA, F. J. de. **Clínica Pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara,1987.

NITSCHKE, R. G. **Mundo Imaginal de Ser Família Saudável: A Descoberta dos Laços de Afeto como Caminho numa Viagem no Quotidiano em Tempos Pós – Modernos**. Pelotas: UFPED, 1999.

PAVIANI, J. **Merleau- Ponty: A Fenomenologia e as Ciências do Homem**. In: Seminário sobre Pesquisa Fenomenologia nas Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: ANPESS e BCISS, ano I, n.1, p. 23-42, 1990.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do Vínculo: Seleção e Organização**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: Uma ciência emergente**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

PINTO, E. B. **A Implantação da Orientação Sexual na Escola** . In: Guia do Sexo/artigo. site <http://cadernodigital.uol.com.br>. 2002.

RAPHAEL, D. **The Tender Gift: Breastfeeding**. Nova Jersey: Prentice - Hall, 1973.

REZENDE, J. **Manual de Obstetrícia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

ROCHA, RUTH. **Minidicionário Enciclopédico Escolar**. São Paulo: Scipione, 1996.

ROWAM, J. **Psychological Aspects on Society: The power of the Group**. n. 3. London: 1976.

SOIFER, R. **Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério** – 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

STERN, D. **A Constelação da Maternidade** .Porto Alegre: Artes Médicas,1997.

VALLE, E. R. M. do. **Câncer Infantil: Compreender e Agir**. São Paulo: Editorial Pay, 1997.

WHALEY & WONG. **Enfermagem Pediátrica: Elementos Essenciais à Intervenção Efetiva**. 5. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

ZAGURY, T. **Encurtando a Adolescência**. 4. ed., Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.

ZIEGEL & CRANLEY. **Enfermagem Obstétrica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

ZILLES, U. **Edmund Husserl e o Movimento Fenomenológico**. In: **Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais**. Rio de Janeiro: ANPESS e CBCISS, ano I, n.1, p. 05-22, 1990.

ZUBEN, N. A. Von. Prefácio. In: **O perceber o relacionar-se do Deficiente Visual**. São Paulo: Brasileira, 1994.

APÊNDICES

ENTREVISTAS DAS ADOLESCENTES

APÊNDICE A - Cymbidium Maravilha (16 anos)	124
APÊNDICE B - Cymbidium Rosa (17 anos)	128
APÊNDICE C - Phalaenopsis Branca (16 anos)	131
APÊNDICE D - Cymbidium Vermelho (17 anos)	134
APÊNDICE E - Zygopetallum Bordô (16 anos)	139
APÊNDICE F - Catasetum Verde (15 anos).....	143

- APÊNDICE A-

Síntese da entrevista de Cymbidium Rosa (17 anos)

Considero minha gravidez como um ato de irresponsabilidade por não ter havido um planejamento. Meu primeiro filho foi planejado, tinha 15 anos quando comecei a namorar e casei. Logo em seguida quis engravidar, pois queria muito ter um filho.

Arrumei o enxoval com carinho e quando ele nasceu fiquei emocionada, chorei muito quando o vi perto de mim, mil emoções se passaram naquele momento. Seu nome é Cristian e tem 1 ano e 4 meses agora.

Já na gravidez atual não tive sentimentos semelhantes, não senti a ansiedade e curiosidade natural e havia pouco tempo de sobra para arrumar as roupinhas porque tinha o meu filho para cuidar.

Ao entrar em trabalho de parto só ficou a dor e o desejo de que ela nascesse logo para terminar o sofrimento.

Porém, ao vê-la, percebi que a amava mesmo tendo-a rejeitado na gravidez. Percebo que é um pedaço de mim, pretendo colocar suas roupinhas e enfeitá-la, seu nome será Alicia.

Examinei o seu corpo para satisfazer as curiosidades de mãe e vi que tudo está normal. Somente não vi seus olhos abertos, e parece-se com o pai que é loiro.

Preocupeimei-me com o fato dela não querer mamar, mas lembro que o menino demorou 34 horas para mamar. Fico um pouco angustiada apesar das orientações recebidas, pois tenho leite e ela ainda não sugou. Desejo amamentá-la por um bom tempo uma vez que o meu primeiro filho mamou até 3 meses quando o coloquei na creche para continuar meus estudos.

Nessa gravidez tive algumas complicações de saúde e foi surpresa quando entrei em trabalho de parto, não esperava que pudesse ser nessa época.

Meu marido queria uma menina, temos um relacionamento desejável embora algumas vezes ocorra alguma discussão.

A lembrança marcante da minha infância foi a separação dos meus pais quando eu tinha 04 anos, meu pai foi embora e nos encontramos novamente 04 anos depois e outra vez quando eu tinha 15 anos e estava grávida. Meu pai desculpou-se por ter me abandonado durante todo este tempo, sinto que gosto dele, mas também lembro que ele não se importou comigo. Não sinto rancor, sinto ciúmes quando o vejo com seus outros filhos no colo, pois eu não tive este carinho.

Às vezes ele quer opinar sobre minha vida, ele não simpatiza com o meu marido e eu não aceito suas intromissões.

Minha mãe tentou substituir a ausência do meu pai, mas meu desejo era tanto de tê-lo ao meu lado que dava o presente a ela no dia dos pais. Ela sempre trabalhou para me educar, auxiliando-me de todas as formas. Casou-se novamente agora.

Atualmente nos falamos pouco, nosso relacionamento não é bom, mas lembro da minha mãe ter falado que fiquei hospitalizada após o meu nascimento e não fui amamentada. Quando era criança tive convulsões, que segundo a psicóloga, eram decorrentes da separação dos meus pais.

Tenho planos de retomar meus estudos e trabalhar. Fiz alguns cursos porque é necessário buscar aprimoramento, e o mercado de trabalho está cada vez mais exigente. Tudo o que fizer de melhor será para eles.

Quero conversar muito com eles para que saibam viver em sociedade. Preocupo-me com as drogas e as amizades que exercem influências negativas. Eu não

usei drogas, mas tenho amigos que dizem que esquecem os problemas quando as usam e depois que o efeito passa eles entristecem novamente.

Terei que orientar a menina sobre os métodos anticoncepcionais e não a julgarei se optar por casar jovem desde que esteja convicta do que quer e tem que haver amor, saber que é a pessoa certa e que não a abandonará depois. Sinto esta preocupação apesar deles serem bebês.

Pretendo ser para meus filhos uma boa mãe e dar a eles o que eu não tive. Ensino ao menino tudo o que está ao meu alcance e o protejo para evitar acidentes.

Necessito de orientação quanto ao método para anticoncepção mais adequado. Esqueço de tomar as pílulas e não quero engravidar, pois devo me dedicar aos meus dois filhos.

Percebo que esta conversa deixou-me aliviada embora não pensasse em falar tanto sobre minha vida. Sou jovem e para mim ser mãe é participar da vida dos filhos.

- APÊNDICE B-

Síntese da entrevista de Cymbidium Maravilha (16 anos)

Engravidar pela primeira vez com 13 anos, foi algo que eu julgava impossível que acontecesse, pois fui vítima de uma agressão, um estupro. Desconhecia quem eram os homens que me atacaram.

Eu e uma amiga estávamos juntas quando ocorreu, mas somente eu engravidar. Às vezes fico chateada porque algumas pessoas, principalmente minha mãe, não acreditam no que aconteceu, pensam que é invenção ou que fosse algum caso com colegas do colégio. Fiquei muito amedrontada, receosa de que eles voltassem, pois nos ameaçaram que o fariam se os denunciássemos. Não gosto de tocar neste assunto, me causa tristeza lembrar disso, mas ao mesmo tempo sinto vontade de desabafar.

Apesar disso posso dizer recebi a aceitação dos meus pais na minha gravidez. Isto foi importante, pois senti muito medo de que o pai do meu filho pudesse me encontrar e tirá-lo de mim. Vários acontecimentos em nossa família nos fizeram passar por uma situação muito difícil nesta época. Houve o falecimento da minha avó e do meu irmão ainda bebê e a minha irmã que fugiu de casa. Tudo ocorreu neste período e minha mãe sofreu muito, se desgastou com toda esta crise.

Mas isto faz parte do passado, agora eu tenho o meu marido que assumiu a mim e a menina. Não pretendo ter mais filhos. Eu quero viver a minha vida.

Pretendo construir a minha casa porque até agora morei com minha mãe.

Lembro que fiquei traumatizada na primeira gravidez eu não queria a criança, minha mãe me aconselhou, me incentivou para que eu aceitasse o meu filho.

Fiquei apavorada quando notei que tinha os sintomas de gravidez. Eu não estava preparada, era muito jovem, com cabeça de adolescente. Hoje é diferente, sou mulher, tenho mais prática e me arrependo de ter pensado em abortá-lo.

Foi uma felicidade grande quando ele nasceu e pude vê-lo. Muitas vezes pensei que ele pudesse ser negro como um dos agressores. Rezava a Deus para que ele não fosse parecido com eles.

Expliquei tudo o que me aconteceu ao meu marido e me sinto feliz porque ele entendeu e aceitou e meu pai concordou com o namoro. Quando nos conhecemos eu ainda estava amamentando o meu filho, usávamos preservativo por algum tempo, porque eu queria continuar amamentando e me disseram que se usasse remédio secaria o leite. Não tomei pílulas e então engravidei. Quando estava no 7º mês de gestação fui orientada para o desmame.

Passou tão rápido esta gravidez e o parto! Quero amamentá-la até que ela quiser já que é um pouco prematura. Pensando bem um dia eu teria que ter uma família para mim apesar de não estar em meus planos esta gravidez. Meu marido disse que não quer ter filho tão cedo, os tempos estão difíceis. Sei que ele é jovem e o controle dos hormônios é algo complicado, não sei se não vou engravidar novamente.

Sinto por não poder retomar os estudos, terei que ajudar em casa até conseguir construir nossa casa e assumir os cuidados com as crianças. Minha mãe também tem seus compromissos. Sou a filha mais velha de seis irmãos.

Minha mãe sempre me ensinou tudo, a experiência de mãe, como cuidar das crianças, cozinhar. Quando lembro da minha infância ela diz que eu era uma menina travessa, rebelde. Ela é muito boa para mim e eu a respeito, ela me entende. Sempre me apoiou, no dia do meu parto, foi ela que percebeu que estava na hora. O mesmo não posso dizer do meu pai biológico pois ele é uma pessoa violenta.

Estou com saudades do meu filho, o nome dele é Welson e o dela será Ketlen.

Sou adolescente e preciso me informar sobre como prevenir uma gravidez.

Ser mãe para mim significa uma coisa boa, uma coisa boa ser mãe pela segunda vez e quero orientar meus filhos quanto às drogas e os fatos da vida.

- APÊNDICE C-

Síntese da entrevista de Phalaenopsis Branca (16 anos)

A Maternidade é uma coisa boa.

Iniciei um namoro com o pai da minha filha por curiosidade, para ver como é que seria e se iria gostar.

Gostei dele por algum tempo, depois senti que não era aquilo que eu imaginava, fui perdendo o gosto, não tinha mais entusiasmo. Nosso relacionamento ficou diferente quando começamos a transar, não havia mais aquele amor. Hoje não estamos juntos, mas nos relacionamos bem, e ele prometeu que iria assumir a filha. O trabalho dele é à noite, como segurança, e estava sempre querendo saber para aonde eu ia, tive então um sentimento de pouca liberdade.

Desconfiei logo que estava grávida, marquei um exame e não fui. Contei a minha mãe quando estava com seis meses de gestação. Minha mãe vai cuidar do bebê enquanto eu estiver no colégio, porque eu cuidei do seu filho enquanto era pequeno.

Meu pai ainda não sabe de nada, ele nem sabia que eu estava namorando. Não imagino como irá receber a notícia. Meus pais estão separados.

Nos momentos antes da hora do parto senti muitas dores e tive medo mas após a anestesia passou tudo, meu parto foi por cesariana porque a placenta já estava se soltando.

Por mais difícil que fosse eu não pensei em abortar. Percebi que à medida que a gravidez avançava eu ia ficando enorme. Sempre fui magra e acho que retornarei ao normal em seguida.

Minha adolescência acabou, antes eu não tinha com quem me preocupar, saía sem rumo e agora sou mãe e as atenções são para ela. Também ela tirou o meu lugar de preferência na família.

Contudo tenho a certeza de que cuidarei bem dela, sentirei as dificuldades no início até me adaptar à nova situação.

Pretendo retomar os estudos. Sempre quis ir para a Marinha, desde criança tinha esta disposição.

Amamentarei minha filha até que tiver leite, e quando for para o colégio irei tirar para deixar em casa, pois tenho bastante.

Devo prestar atenção aos conselhos porque aquilo que aconteceu não dá para errar novamente. Dessa vez minha mãe me apoiou porque o mesmo aconteceu com ela quando tinha 16 anos e eu nasci. Naquela época quem a apoiou foi minha avó, que me criou desde o meu nascimento até uns dois anos atrás quando faleceu.

Sinto muito a sua falta, acho que ela gostaria de ter uma bisneta. Penso que se ela estivesse viva isto não teria acontecido comigo.

Mas tenho que ter coragem, eu acho que posso, quero e irei conseguir.

- APÊNDICE D-

Síntese da entrevista de Cymbidium Vermelho (17 anos)

Engravidei com 14 anos, foi um tempo difícil, pois eu ainda estava estudando e tinha que cuidar dele assumi a maternidade com responsabilidade. Tive o apoio do meu companheiro.

Nos conhecemos por acaso, foi engraçado em alguns momentos, com algumas partes bonitas e tristes. Precisou muita luta para ficarmos juntos.

Atualmente meu marido não estuda e há a dificuldade de conseguir um emprego fixo.

Meu pai permitiu que morássemos juntos, ele tinha medo que eu me envolvesse com drogas. Não usava nenhum método para evitar a gravidez e isto aconteceu algum tempo depois. Foi uma revolução em casa, meu pai não gostou, pois meu marido não estava trabalhando. Meu pai bateu em mim e nos separou. Durante toda a gravidez nós ficamos separados, cada um na sua casa, como namorados.

Depois do falecimento do meu pai voltamos a morar juntos. Moramos com minha mãe até agora. O Alex trabalha algumas vezes como ajudante de pedreiro e entrega o dinheiro todo pra eu comprar as coisas necessárias para as crianças, ele não fica com nada.

Fiquei com a pensão do meu pai para sustento das crianças, por isso não somos casados. Eu perderia a pensão e ficaria mais difícil a nossa situação.

Sempre assumi meus filhos, levava para o hospital quando ficavam doentes, e ficava acordada se tinham febre. Amamenteei o primeiro e o segundo filho por cerca de

20 dias. Eu voltei para o colégio e minha mãe dava mamadeira, e então eles não aceitavam mais o peito.

Estudei toda a gravidez do primeiro filho. Recebi apoio e ajuda dos meus colegas e professores. Todos foram muito legais comigo.

Durante a segunda gestação o meu pai faleceu e precisei encaminhar o enterro, porque meus irmãos se recusaram a ajudar. Sou filha adotiva e depois que engravidei eles me rejeitaram. No entanto eu fiquei sempre com o meu pai apesar dele ter nos separado e sugerir que eu fizesse o aborto.

Tomei remédio para não engravidar após o nascimento do segundo filho, mas faltou dinheiro para comprar e no posto estava em falta, usei preservativos e acabei engravidando novamente.

Agora eu pretendo colocar o DIU, pois com quatro filhos é o bastante para poder cuidar e satisfazer suas necessidades.

Também pretendo voltar a estudar e trabalhar quando tiver mais idade e se tudo der certo quero me casar.

Meu marido quando completar a maioridade terá mais chances de conseguir um emprego bom e voltar a estudar.

O relacionamento com minha mãe é muito bom, sempre ficamos juntas, ela sofreu muito com o primeiro marido, e é ela que me ensina a cuidar das crianças e me auxilia muito.

Sou muito jovem e gosto de me arrumar, passar batom, usar brincos, mas deixo de comprar estas coisas supérfluas para oferecer um presentinho ou comida para as crianças.

Fui muito judiada por minha mãe biológica, a qual me abandonou quando pequena, talvez seja devido a isso que eu prefiro dar um castigo ao invés de bater e se

puder deixar uma palavra para outras mães quero dizer que não abandonem seus filhos e que os cuidem como a si próprias.

Eu tive muito apoio da escola e do meu companheiro que assumiu os filho desde o inicio. Na escola quando ensinaram sobre como evitar a gravidez eu já estava grávida e depois na segunda gravidez eu tomava o remédio descontroladamente.

Logo ao engravidar pela primeira vez pensei que Iria ficar feia e deformada, gorda. Olhava no espelho e imaginava como poderia ficar. Tenho algumas estrias, mas volto logo ao normal após ganhar os bebês.

Meus filhos são importantes para mim, sinto sua falta quando fico longe, o menino é mais calmo do que a menina.

Sinto-me muito feliz em ser mãe, e contente por poder cuidar desses nenezinhos, sempre gostei de crianças, mas não pretendia ter tantos assim tão cedo. Uma vez minha mãe precisou sair e fiquei sozinha para tomar conta deles e das tarefas de casa. Para minha surpresa consegui dar conta. Isto me deixou mais segura.

Quero cuidar pra que eles não entrem nas drogas, para que minha filha não tenha filhos tão cedo com eu tive porque tu perdes algumas coisas na tua vida, às vezes pode-se achar que não, mas não se pode sair para dançar, fica-se com menos liberdade para sair. Percebo isto agora e penso que quando eles crescerem poderei resgatar este tempo.

Minha relação com eles será bem aberta, eu não tinha este diálogo em casa, ficava envergonhada, minha mãe falava algumas coisas, mas sem orientação e penso se as coisas fossem diferentes tudo Isso não teria acontecido.

Gosto dos meus filhos, de sentir suas mãozinhas em meu rosto de manhã quando acordam, tive muita dificuldade financeira, mas o sorriso deles me motivava a ir adiante. Não tenho vergonha de pedir se preciso.

Com o meu quarto filho eu quero ver se consigo amamentar por mais tempo, eu tenho pouco bico no seio. Não pretendo deixá-los na creche, não acho um bom ambiente.

Alex é uma pessoa calma, sem vícios e está sempre do meu lado, cuida das crianças quando preciso e desde que nos conhecemos agimos assim. Logo no início havia algumas brigas por ciúmes, mas com o tempo se aprende a tolerar certas coisas e não puxar discussões desnecessárias.

- APÊNDICE E-

Síntese da entrevista de Zygopetallum Bordô (16 anos)

É uma experiência nova que está começando, eu tinha namorado há 1 ano e depois disso eu fiquei grávida, eu não usava nenhum método, foi um descuido dos dois. Agora que já veio não adianta mais. Ele tem 19 anos, é novinho também e eu tenho 16 anos, vou completar 17 anos no ano que vem.

Na minha família somos em três filhas, uma de 14, outra de 6 e eu com 16 anos.

Sinto-me uma outra pessoa depois de ter o bebê (risos), um pouco mais importante agora. Agora sendo mãe eu não faço mais o que eu fazia não posso sair como eu fazia antes, isso não dá. Saía muito com meu namorado. Agora já mudou. Ainda não temos nossa casa. Nós morávamos junto na casa da minha sogra, mas eu não me acertava com ela, então ele propôs que fôssemos para a casa da minha mãe que talvez desse certo.

Já amamenteei o bebê, não conseguia me ver desse jeito sinto-me meio esquisita, não me imaginava, eu pensava já na gravidez. Agora bem dizer é uma nova fase, pensar que o bebê depende de mim.

Minha relação com a minha mãe é ótima. Eu parei de estudar na 5ª Série, quer dizer eu parei porque não tava mais agüentando nos últimos dias. E já combinei com elas que eu irei parar por mais ou menos mês até me recuperar e depois eu retorno.

Estou pensando em trabalhar, bem dizer é uma nova família que entrou na minha vida. Meu marido trabalha, eu o conheci na rua, ele era meu vizinho, nos encontramos e depois a gente "ficou" e depois a gente se "juntou".

Minha mãe tem 36 anos e separada desde que eu tinha 01 ano, Eles se dão bem como amigos, se conversam. Meu pai ficou meio assim no início, mas depois aceitou, minha madrasta diz que ele pensou bem e agora está feliz com o neto. Ele falou para minha mãe que quando o bebê ficar maior ele virá nos buscar para passear.

Na escola, as colegas ficaram bobas elas me passam a matéria enquanto eu não estou indo para aula, são boas amigas.

Pretendo amamentar no mínimo até o 6º mês e depois até quando ele quiser. Tive parto cesariana porque meu bebê não nascia, é muito grande, pesa 4,800g.

Vou me arrumar melhor em casa , fui me sentindo gorda, no começo eu olhava a barriga no espelho enquanto era pequena ainda, depois tirei foto. Por último não me olhei mais.

Desconfiei que estava grávida quando fiquei 2 meses sem menstruar falei com minha mãe e meu namorado, agora meu marido, e eles me levaram ao médico e fiz exames, aí eu já estava com 2 meses.

Fiz o pré-natal no posto e no final eu fiquei um pouco inchada e ela, a médica me encaminhou para o hospital e neste tempo eu entrei em trabalho de parto. Sabia do sexo do bebê desde o 7º mês de gestação e escolhi o nome de Nicolas.

Estou conseguindo trocar as fraldas do bebê, já tinha algumas experiências com outros bebês Meu marido trabalha em um bar dentro de um clube de classe alta. Quero também procurar um emprego depois e vou deixar o nenê com a minha tia, eu confio nela.

Não sou ciumenta, ele é mais. Não me dou bem com a família dele.

Quero me cuidar, colocar uma roupa firme, não comer muito. Meu nenê quando fica no colo é bastante pesado, ele é bem grande e vai crescer logo.

Meu marido não estuda e também não foi para o Exército . Ele trabalha a mais ou menos dois anos, logo que a gente se conheceu ele começou a trabalhar. O meu bebê é parecido comigo, mas tem uma mancha na perna igual a do pai, eu implicava muito com ele no início da gravidez, acho que é por isso.

Quero tomar remédio para não engravidar novamente.

Tenho algumas dúvidas que consegui solucionar com as orientações recebidas, mas sempre é bom a gente conversar, gostei, pois sempre é válido e a gente tira coisas boas.

- APÊNDICE F-

Síntese da entrevista de Catasetum Verde (15 anos)

Sinto-me com muita responsabilidade já que não era para querer, mas já que veio tem que querer com amor e carinho. Antes eu não tinha responsabilidade com nada . Era do estudo para casa e da casa para rua, eu estudava e saia, sem juízo agora estou mais responsável. Saia muito, vivia mais na rua do que em casa. Fazia meu serviço, estudava um pouco, fazia de conta que estudava e me largava na rua. Minha mãe dizia para estudar e eu respondia que já tinha estudado, ela dizia se não passar de ano tu vai se ver comigo e de um jeito ou outro eu passava. Tive que parar meus estudos no meio da gravidez, mas quando ela tiver um mês eu vou voltar a estudar, estou na 7^a série. Meu sonho que eu quero e que nenhum irmão deu para minha mãe é me formar, com filho ou sem filho. Quero dar este orgulho para ela, já que ela não teve estudo. Ela queria que os filhos estudassem para não precisar limpar chão igual a ela. Não pensei ainda que curso quero fazer, tem tempo ainda. Agora eu tenho que pensar que eu vou ser mãe, que eu sou mãe (risos).

Engravidei por descuido, descuido de nós dois. Quando engravidei ninguém quis fazer nada para tirar. Não estamos juntos porque o confundiram com o cunhado e o assassinaram. O cunhado vendeu para ele uma jaqueta que ele havia roubado e ele estava vestindo o casaco e o dono viu e atirou. Ele veio do serviço, passou na mãe dele e estava indo para minha casa quando encontrou com minha mãe avisando que iria me ver e me dar um beijo. Quando ele vinha chegando os caras atiraram nele, ele tinha 17 anos.

Minhas primas disseram que ele chegou em casa brincando. Eu levei um grande susto, cheguei a me engasgar com a comida. Eu estava jantando quando ouvi o tiro. Não queria acreditar que era ele. Fui para o hospital, minha barriga endureceu, minha mãe me levou para o médico e ele me mandou para casa.

Meu companheiro trabalhava na seleção do lixo descartável perto de casa e sempre dizia que não queria morrer antes de ver o filho dele nascer. Isto ocorreu uma semana antes do nenê nascer. Chorei muito, mas tive que me conformar, moro com minha mãe, meu pai foi assassinado também quando tinha mais ou menos 1 mês de idade. Parece que a cena se repete.

Eu conheci meu companheiro no colégio, brigamos muito até ficarmos juntos, eu não gostava dele e depois começamos a namorar e eu engravidei.

A mãe dele afirmava que um dia eu seria a nora dela. Ele era legal, quando eu falava ele abaixava a cabeça e não dizia nada mas também ele era muito ruim, como por exemplo se ofendesse a mãe dele ele ficava uma fera e era capaz de matar se ofendessem a mãe dele. Ele era violento e quando o irritavam ficava possuído. Eu também sou briguenta, mas me sinto mais calma.

Tenho irmãos de 22, 15, 12, 8, 6 e minha mãe me chama de mascote. Moro na vila Bom Jesus, tem muita gente perigosa, você acaba odiando o lugar em que vive que é um lugar horrível, eles não respeitam nada, entram nas casas, assaltam. Se você tem alguma coisa boa eles acham que é rica. A gente fica amedrontada.

A casa onde moramos é nossa, de material. Nós fomos à casa da minha tia para um aniversário que foi no clube, e eles pensaram que ela fosse rica, entraram na casa dela e levaram tudo. Quero sair de lá, a gente fica com medo, não dá para sair de casa.

Penso na minha filha, quero amamentá-la, ganhei de parto normal, com 8 meses, nem senti para ganhar. Minha mãe saiu de casa para trabalhar e eu comecei a

sentir as dores. Cheguei ganhando, enxerguei ela quando o pediatra a estava arrumando, depois adormeci. Ela é um pouco preguiçosa para mamar.

Sempre morei no bairro, era muito divertido e na minha infância, estávamos sempre aprontando uma. Eu parei de estudar porque comecei a sentir dores de cabeça e tonturas, o médico me aconselhou a parar.

Eu penso em criar a minha filha e a minha mãe diz que vai me ajudar, ela considera o bebê como sua princesinha.

Minha sogra vem lá em casa e diz que olha para as coisas do meu namorado e parece que o vê caminhando pela casa, ela chora. Eles eram muito unidos, era o caçula da família.

Quando engravidei minha barriga aumentou, mas meu corpo continuou igual, só aumentou a barriga na frente.

Achei a nossa conserva legal! Acho que me sinto mãe, mas estou atrapalhada. Tenho mais colegas adolescentes que estão grávidas, inclusive uma prima que já está com dois filhos, o primeiro nasceu quando ela tinha 13 anos e o segundo com 15 anos. Só que ela tem uma doença – a AIDS. O primeiro nenê não tem e o segundo sim. Ela pegou do pai dos nenês, ele tem 11 filhos com várias mulheres, só faz filho e só se droga. E ela quer ter outro. Ela não tem responsabilidade, só quer colocar filho no mundo. Ela diz que ele é o amor da vida dela.

Eu fiz meus exames no primeiro ano que estávamos juntos e estava tudo normal.

Eu tinha muitas dúvidas durante a gravidez, disse para minha mãe que era ela que iria me ajudar a cuidar do nenê, eu tenho muito medo de machucar. Minha vizinha de quarto me ajudou a trocar o bebê no hospital, eu achava que ia machucar o umbigo do nenê. Acho que com o tempo eu irei aprendendo a cuidar do bebê sozinha.
